REVISTA OESTE

EDIÇÃO 223 — 28/06/2024

Filipe Martins, ex-assessor internacional de Jair Bolsonaro

DIAS DE TREVA

Filipe Martins, ex-assessor de Bolsonaro, está preso há quatro meses sem haver prova nenhuma contra ele — ao contrário, já provou sua inocência. Ele é hoje o símbolo de um Brasil sem lei

Por CRISTYAN COSTA e SILVIO NAVARRO

Tempos de treva

Cristyan Costa e Silvio Navarro • June 28, 2024

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/bancahidden

Filipe Martins, assessor especial da Presidência da República durante o governo Bolsonaro (9/5/2019) | Foto: Arthur Max/MRE

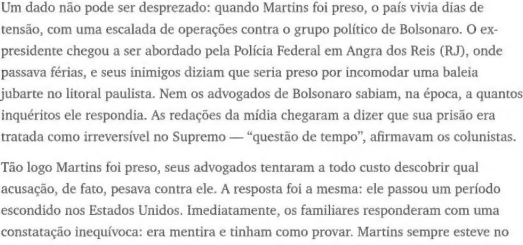
Com a desculpa de que está protegendo a democracia, o Supremo Tribunal Federal coleciona absurdos e sufoca as liberdades constitucionais

O Brasil está vivendo os piores momentos em sua longa história de violação de direitos humanos — não por parte de operações clandestinas da polícia secreta, como de costume, mas agora pela ação direta da mais alta Corte de Justiça do país, o Supremo Tribunal Federal (STF). Fatos são fatos. Vamos a três deles, que servem como símbolo e resumo destes tempos de treva:

1. Nenhum caso ilustra melhor o teatro do absurdo promovido pelo gabinete do ministro Alexandre de Moraes, onde se instalou uma espécie de delegacia particular contra brasileiros "de direita", do que a prisão de Filipe Garcia Martins, de 36 anos, ex-assessor internacional de Jair Bolsonaro. Martins permanece trancafiado — cautelarmente —, desde o dia 8 de fevereiro, no Complexo Médico Penal de Pinhais, no Paraná, acusado de uma fuga do país que nunca aconteceu. A audiência de custódia só ocorreu 48 horas depois da prisão, ou seja, o dobro do tempo previsto em lei.

Filipe Martins, assessor especial da Presidência da República durante o governo Bolsonaro (9/5/2019) | Foto: Arthur Max/MRE

A ordem para prendê-lo ocorreu porque, segundo os investigadores do golpe fictício de 8 de janeiro de 2023, ele teria viajado para os Estados Unidos — dez dias antes do tumulto em Brasília. Martins, de fato, costumava acompanhar o então presidente no exterior. A informação foi divulgada por um colunista do site Metrópoles. De largada, aqui cabe uma inquietante pergunta: por que ele fugiria do Brasil se não há prova de que estava envolvido na depredação em Brasília? Segundo a imprensa tradicional, seu nome foi citado como autor de uma minuta de golpe de Estado. A acusação teria aparecido em um dos cinco depoimentos prestados pelo ex-ajudante de ordens, tenente Mauro Cid, que assinou um acordo de colaboração premiada, "cujo teor era bombástico". Até hoje, contudo, a delação não "explodiu".

Tenente-coronel Mauro César Barbosa Cid, ex-ajudante de ordens do então presidente Jair Bolsonaro, durante depoimento para a CPMI (11/7/2023) | Foto: Lula Marques/Agência Brasil

Paralelamente à minuta apócrifa da insurreição imaginária, o nome de Martins constaria de uma relação de passageiros que acompanhariam Bolsonaro em visita a Orlando, no dia 30 de dezembro de 2022. Para os investigadores, portanto, "sua localização era incerta", com indícios de "burla do sistema imigratório". Mas é aí que começa a verdadeira trama kafkiana.

Um dado não pode ser desprezado: quando Martins foi preso, o país vivia dias de tensão, com uma escalada de operações contra o grupo político de Bolsonaro. O ex-presidente chegou a ser abordado pela Polícia Federal em Angra dos Reis (RJ), onde passava férias, e seus inimigos diziam que seria preso por incomodar uma baleia jubarte no litoral paulista. Nem os advogados de Bolsonaro sabiam, na época, a quantos inquéritos ele respondia. As redações da mídia chegaram a dizer que sua prisão era tratada como irreversível no Supremo — "questão de tempo", afirmavam os colunistas.

Tão logo Martins foi preso, seus advogados tentaram a todo custo descobrir qual acusação, de fato, pesava contra ele. A resposta foi a mesma: ele passou um período escondido nos Estados Unidos. Imediatamente, os familiares responderam com uma constatação inequívoca: era mentira e tinham como provar. Martins sempre esteve no Paraná depois de ter retornado de Brasília, no final do mandato de Bolsonaro. Os advogados reuniram provas robustas a seu favor: o bilhete da companhia aérea Latam mostrando que estava em Ponta Grossa com a namorada, comprovantes de Uber e até o recibo de uma hamburgueria, onde lanchou no período em que foi acusado de estar em solo americano. Filipe Martins não saiu do país.

Os investigadores da equipe de Alexandre de Moraes, contudo, não se deram por vencidos. Exigiram uma espécie de prova suprema, um ofício do DHS (Departamento de Segurança Interna dos EUA). O site de **Oeste** revelou que a resposta do governo americano também diz o contrário: a última entrada de Martins pela alfândega americana ocorreu em setembro de 2022.

> *"O nome de Filipe Martins também consta na lista de passageiros que viajaram a bordo do avião presidencial no dia 30.12.2022 rumo a Orlando/EUA. Entretanto, não se verificou registros de saída do ex-assessor no controle migratório, o que pode indicar que o mesmo tenha se evadido do país para se furtar de eventuais responsabilizações penais. Considerando que a localização do investigado é neste momento incerta, faz-se necessária a decretação da prisão cautelar como forma de garantir a aplicação da lei penal e evitar que o investigado deliberadamente atue para destruir elementos probatórios capazes de esclarecer as circunstâncias dos fatos investigados."*

> *(Relatório da Polícia Federal que consta da decisão de Moraes)*

O capítulo mais recente dessa história ocorreu na terça-feira, 25. O ministro Flávio Dino negou outro pedido de soltura. Alegou tecnicidade: a súmula 606 da Corte impede que um ministro reverta decisão monocrática de outro — no caso, Alexandre de Moraes.

STF @STF_oficial · Follow

➡️ @STF_oficial rejeita habeas corpus de Filipe Martins, ex-assessor da Presidência da República. Ministro Flávio Dino aplicou ao caso jurisprudência da Corte de que não é cabível habeas corpus contra decisão de ministro do #STF: bit.ly/HC-ex-assessor...

#Acessibilidade: contém... Show more

8:17 PM · Jun 25, 2024

287 Reply Share

Read 640 replies

For: FILIPE GARCIA MARTINS PEREIRA

U.S. Customs and Border Protection
Securing America's Borders

Most Recent I-94

Admission (I-94) Record Number : 010560422A4
Most Recent Date of Entry: 2022 September 18
Class of Admission : G2
Admit Until Date : D/S
Details provided on the I-94 Information form:

Last/Surname :	GARCIA MARTINS PEREIRA
First (Given) Name :	FILIPE
Birth Date :	1987 December 11
Document Number :	DB048375
Country of Citizenship :	Brazil

Get Travel History

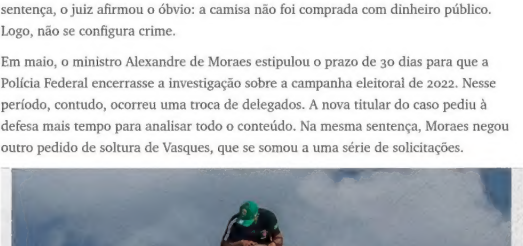
▶ Effective April 26, 2013, DHS began automating the admission process. An alien lawfully admitted or paroled into the U.S. is no longer required to be in possession of a preprinted Form I-94. A record of admission printed from the CBP website constitutes a lawful record of admission. See 8 CFR § 1.4(d).

▶ If an employer, local, state or federal agency requests admission information, present your admission (I-94) number along with any additional required documents requested by that employer or agency.

... reasons, we recommend that you close your browser after you have finished retrieving your I-94

2. Silvinei Vasques, de 49 anos, foi diretor da Polícia Rodoviária Federal na reta final do governo Bolsonaro. Tem um currículo com sólida formação — doutor em Direito, ciências econômicas, administração e especializações em segurança pública. **Está preso desde 9 de agosto do ano passado, sem condenação na Justiça**. Trata-se de uma investigação sobre a realização de *blitz* de fiscalização de ônibus no segundo turno das eleições. A Polícia Federal diz que há suspeitas de interferência de agentes, a mando de Silvinei, na circulação dos ônibus com eleitores de Lula no Nordeste.

Duas perguntas, contudo, permanecem sem respostas: como a polícia sabia que os ônibus carregavam eleitores de Lula? A justificativa dos investigadores é frágil. Eles dizem que, naquela região, o petista teve desempenho melhor no primeiro turno. Mais: o próprio Alexandre de Moraes afirmou na época que as *blitze* não impediram nenhum eleitor de votar — logo, não houve perturbação alguma no processo eleitoral.

Silvinei Vasques, ex-diretor-geral da Polícia Rodoviária Federal | Foto: Valter Campanato/Agência Brasil

Nesta semana, um grupo de senadores visitou Silvinei no presídio da Papuda, no Distrito Federal. Ele divide cela com outros dois detentos numa ala reservada a ex-policiais. Disse aos parlamentares que não entende o motivo da prisão tão elástica e sente falta das visitas de familiares, porque eles moram em Santa Catarina — o Supremo negou-se a transferi-lo para um presídio no Sul. Quem o viu nos últimos meses afirma que seu porte físico mudou com a perda de 11 quilos por causa de restrições alimentares — ele é intolerante a glúten, por exemplo. Além disso, Silvinei só dorme com a ajuda de medicamentos para controle da ansiedade.

O ex-chefe da Polícia Rodoviária tenta dedicar seu tempo aos livros de Direito e vai fazer a prova da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em breve. Busca lugares mais reservados porque, recentemente, envolveu-se numa briga com um preso pelo fato de ser policial. O inquérito sobre a confusão já foi arquivado. A defesa dele agora atua para tentar impedir o cancelamento de sua aposentadoria na corporação, de R$ 18 mil mensais, pela Controladoria-Geral da União (CGU).

"O Silvinei está preso há 11 meses, não está tudo bem. Ele não foi condenado. Está tomando remédios, está ansioso, fez alguns exames e está aguardando", afirmou o senador Izalci Lucas (PL-DF), o primeiro a entrar na Papuda, junto com Damares Alves (Republicanos-DF). Outros senadores vão visitá-lo na semana que vem.

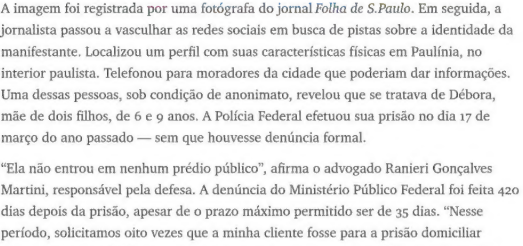
Nesse período em que segue preso, Silvinei foi absolvido de outra acusação, de improbidade administrativa. O caso corria na Justiça Federal do Rio de Janeiro. O Ministério Público viu crime no fato de o então diretor da Polícia Rodoviária entregar uma camiseta do Flamengo com o 22 nas costas ao colega Anderson Torres, ex-ministro da Justiça. Na época, esse era o número usado por Jair Bolsonaro nas urnas. Na sentença, o juiz afirmou o óbvio: a camisa não foi comprada com dinheiro público. Logo, não se configura crime.

Em maio, o ministro Alexandre de Moraes estipulou o prazo de 30 dias para que a Polícia Federal encerrasse a investigação sobre a campanha eleitoral de 2022. Nesse período, contudo, ocorreu uma troca de delegados. A nova titular do caso pediu à defesa mais tempo para analisar todo o conteúdo. Na mesma sentença, Moraes negou outro pedido de soltura de Vasques, que se somou a uma série de solicitações.

Foto mostra mulher com uma das mãos na pichação 'perdeu, mané', na estátua "A Justiça", do STF, durante invasão às sedes dos três Poderes - Gabriela Biló-8.jan.23/Folhapress

...estátua e pega o celular das mãos de um homem,

Foto publicada na Folha de S.Paulo (24/1/2024) | Foto: Reprodução/Folha de S.Paulo

Débora Rodrigues dos Santos é mantida presa por Moraes depois de escrever "Perdeu, mané" na estátua A Justiça | Foto: Reprodução

3. Um dos principais símbolos do Poder Judiciário em Brasília é uma estátua de 3 metros de altura, que simboliza a deusa grega Têmis, criada há mais de 60 anos pelo escultor mineiro Alfredo Ceschiatti. Fica em frente ao prédio do Supremo Tribunal Federal. No meio do tumulto do dia 8 de janeiro, a cabeleireira Débora Rodrigues dos Santos, de 38 anos, sacou um batom vermelho de sua bolsa e escreveu na pedra: "Perdeu, mané". É uma referência à reação do ministro Luís Roberto Barroso quando foi abordado por um brasileiro em Nova York, depois das eleições.

Revista Oeste @revistaoeste · Follow

Em 15 de novembro de 2022, durante caminhada em Nova York, o ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal, irritou-se com uma pergunta de um brasileiro sobre o código-fonte das urnas eletrônicas.

Barroso: "PERDEU, MANÉ" 15/11/22 REVISTA OESTE — Watch on X

1:29 PM · Jun 27, 2024

1.1K Reply Share

Read 13 replies

A imagem foi registrada por uma fotógrafa do jornal *Folha de S.Paulo*. Em seguida, a jornalista passou a vasculhar as redes sociais em busca de pistas sobre a identidade da manifestante. Localizou um perfil com suas características físicas em Paulínia, no interior paulista. Telefonou para moradores da cidade que poderiam dar informações. Uma dessas pessoas, sob condição de anonimato, revelou que se tratava de Débora, mãe de dois filhos, de 6 e 9 anos. A Polícia Federal efetuou sua prisão no dia 17 de março do ano passado — sem que houvesse denúncia formal.

"Ela não entrou em nenhum prédio público", afirma o advogado Ranieri Gonçalves Martini, responsável pela defesa. A denúncia do Ministério Público Federal foi feita 420 dias depois da prisão, apesar de o prazo máximo permitido ser de 35 dias. "Nesse período, solicitamos oito vezes que a minha cliente fosse para a prisão domiciliar porque ela tem o direito de esperar a sentença em casa, com os filhos, mas todos os pedidos foram negados."

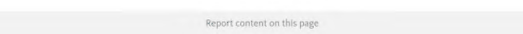
De acordo com Martini, a saúde mental das crianças foi afetada em virtude da distância da mãe. Também faltou dinheiro, porque o trabalho dela no salão era parte da renda familiar.

As marcas de batom na estátua de granito na Praça dos Três Poderes foram removidas sem muita dificuldade, no dia 9 de janeiro. Débora está numa cela na cidade de Rio Claro, no interior de São Paulo, há mais de um ano.

FOLHA DE S.PAULO

STF · FOLHAJUS · ATAQUE À DEMOCRACIA

Fotos da Folha indicam possível pichadora do 'perdeu, mané' na estátua da Justiça do STF

Mulher aparece em imagens como se estivesse escrevendo a frase; depois, ela exibe mãos e dedos sujos de tinta

Notícia publicada na Folha de S.Paulo (24/1/2024) | Foto: Reprodução/Folha de S.Paulo

Não há nenhum sinal claro de que esses três casos poderão sofrer uma reviravolta tão cedo. Metade da Corte, aliás, nem sequer estará no Brasil nos próximos dias, por causa do evento organizado pelo decano Gilmar Mendes em Lisboa. Mas uma fala, em tom de desabafo, do ministro Luiz Fux na terça-feira, 25, chamou a atenção. Fux é um raro juiz de carreira no tribunal. Ele disse em bom tom que ali não estão "juízes eleitos" nem "o Brasil tem um governo de juízes". Até aí era uma resposta a Dias Toffoli, que numa aritmética sem pé nem cabeça havia dito que os togados têm o respaldo de 100 milhões de eleitores.

Fux foi além: disse que o STF "não é arena política" nem "oráculo para todos os dilemas morais, políticos e econômicos da Nação". O resgate da Praça dos Três Poderes só ocorrerá se os outros dez ministros entenderem o recado.

Feito por @bancahiden

Carta ao Leitor — Edição 223

Redação Oeste • June 28, 2024

Filipe Martins, ex-assessor especial da Presidência da República durante governo Bolsonaro | Foto: Reprodução/Redes Socials/Arquivo Pessoal

Os abusos cometidos pelo Supremo e a doce vida de um criminoso confesso em liberdade estão entre os destaques desta edição

Em dezembro de 2017, o ministro Gilmar Mendes mandou soltar Adriana Ancelmo, mulher de Sérgio Cabral, ex-governador do Rio de Janeiro. Uma das principais beneficiárias do colossal esquema de corrupção comandado pelo marido, a ex-primeira-dama havia sido condenada a 18 anos de prisão por lavagem de dinheiro.

Ao analisar o pedido da defesa, o atual decano do STF argumentou que a prisão de mulheres grávidas ou com filhos sob os cuidados da mãe é "absolutamente preocupante". E acrescentou que alternativas à prisão deveriam ser observadas para não haver "punição excessiva" à mulher ou à criança. Na época, os filhos de Adriana Ancelmo tinham 11 e 14 anos.

Em 17 de março de 2023, a cabeleireira Débora Rodrigues dos Santos foi presa por ter participado dos atos do 8 de janeiro. Com um batom vermelho em punho, ela fora fotografada escrevendo as palavras "Perdeu, mané" na estátua que fica em frente ao prédio do Supremo. Débora é mãe de dois filhos, com 6 e 9 anos.

"Solicitamos oito vezes que a minha cliente fosse para a prisão domiciliar porque ela tem o direito de esperar a sentença em casa, com os filhos, mas todos os pedidos foram negados", contou o advogado Ranieri Gonçalves Martini, responsável pela defesa de Débora, a **Cristyan Costa** e **Silvio Navarro**, que assinam a reportagem de capa desta edição.

O texto também detalha outros dois casos particularmente angustiantes. Os de Filipe Martins, ex-assessor internacional de Jair Bolsonaro, e Silvinei Vasques, ex-diretor da Polícia Rodoviária Federal. A pilha de provas da inocência de Martins inclui até um ofício do Departamento de Segurança Interna dos EUA atestando a ausência de culpa. Mas o prisioneiro de Alexandre de Moraes continua atrás das grades.

(Durante três dias, **Daniela Giorno**, diretora de arte de **Oeste**, tentou encontrar em sites, agências de fotografia e redes sociais uma imagem em que Martins não estivesse sorrindo. Tal manifestação de alegria não combinaria com o Brasil destes tempos de treva. Antes de ser sequestrado pelo perseguidor, Martins parecia vacinado contra a tristeza.)

Enquanto três inocentes permanecem presos, um criminoso confesso, condenado a mais de 400 anos de cadeia, pode sair para jantar com a nova namorada, dar entrevistas, manter um canal no YouTube, encontrar os filhos e até divertir-se em ensaios de escolas de samba. Feliz, Sérgio Cabral ameaça retomar a carreira de político bandido. A reportagem de **Anderson Scardoelli** revela a doce vida do ex-governador do Rio de Janeiro.

Teoricamente, Cabral é impedido de concorrer a cargos públicos pela Lei da Ficha Limpa. Mas está compreensivelmente esperançoso: "A Justiça tem sido muito correta", anima-se. Faz sentido. Enquanto déboras, martins e vasques continuam presos, os cabrais, odebrechts e dirceus estão em liberdade. E Lula ocupa a Presidência da República.

Boa leitura.

Branca Nunes,

Diretora de Redação

Capa da Revista Oeste, edição 223. Filipe Martins, ex-assessor especial da Presidência da República durante o governo Bolsonaro, em uma palestra no Instituto Rio Branco (9/5/2019) | Foto: Arthur Max/MRE

A ficção do ministro Barroso

J. R. Guzzo • June 28, 2024

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/bancahidden

Ministro Luís Roberto Barroso, presidente do Supremo Tribunal Federal | Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil

Eis aí a essência dessa visão do mundo: o principal perigo para a democracia é a democracia. Ela pode levar o povo a escolher governos não autorizados pelo STF, e isso é inegociável

O Brasil não tem, há mais de cinco anos, um supremo tribunal de Justiça. O que tem continua sendo uma guarda suprema, mas deixou de ser um tribunal e, obviamente, não passa pela cabeça de ninguém ir até lá em busca de justiça. Em vez do STF que existia até a eleição de Bolsonaro para a Presidência da República, o que existe agora é um Comissariado de Segurança e Defesa do Regime. Sua única função efetiva é garantir, com o apoio da força armada, que as leis em vigor no Brasil nunca vão ser aplicadas em favor de quem discorda do governo, dos próprios ministros e dos interesses de ambos. A segunda parte de sua obra é assegurar que qualquer lei vai ser violada se estiver atrapalhando o regime Lula-STF. A grande inovação de tudo isso para a ciência política é a criação da vacina antidireita. Como a direita, que hoje só é disponível na embalagem "extrema direita", passou a ameaçar a democracia porque também passou a ganhar eleições, o "Estado Democrático de Direito" só pode ser salvo abolindo-se os direitos dos direitistas.

"A democracia tem lugar para todos, menos para os que são contra a democracia", determinou o presidente do STF em sua última encíclica, desta vez proclamada na Universidade de Oxford. É a alma soviética que hoje inspira a nossa "suprema corte", como se costuma dizer. "Os que são contra a democracia" são os que discordam das decisões da junta de governo STF-Lula — não podem, portanto, ter a proteção da lei, pois, na doutrina oficial ora vigente, vão "usar" os seus direitos constitucionais para fazer política, ganhar eleições e acabar com a democracia quando chegarem ao governo. Há diversos casos, nos últimos anos, em que a direita ganhou a eleição e foi para o governo — inclusive aqui mesmo, no Brasil, em 2018. Não há nenhum caso em que tenha criado uma ditadura depois de eleita. Mas é aí que está: esse é um raciocínio de direita e, portanto, antidemocrático. Argumento, numa democracia-modelo como a que o STF inventou para o Brasil, só se for autorizado pelo ministro Barroso e seus pares no Comissariado.

O modo de operar do STF atual não tem similares em nenhuma democracia do planeta. Não se trata aqui da folha de pagamento com quase 3 mil funcionários (já houve até auxiliares de desenvolvimento infantil nesse mar de gente), nem do custo de R$ 1 bilhão por ano e outros sinais explícitos de subdesenvolvimento. Isso é a senzala geral do Brasil, para a qual não há cura conhecida. O que chama a atenção no Supremo de hoje é sua organização como chefatura nacional de polícia. Há o Centro de Enfrentamento aos Direitos Individuais e às Liberdades Públicas, chefiado pelo ministro Alexandre de Moraes — que acumula o Centro Integrado de Enfrentamento à Desinformação e Defesa da Democracia no braço eleitoral do STF, o TSE. Há o Centro de Enfrentamento às Punições por Crimes de Corrupção, a cargo do ministro Dias Toffoli. Há o Centro de Enfrentamento às Leis Aprovadas Pelo Congresso e o Centro de Enfrentamento à Oposição, comandados em sistema de rodízio. Há o Centro de Enfrentamento à Verdade dos Fatos — esse sob a direção do ministro Barroso.

Em sua última operação, desfechada na Universidade de Oxford, Barroso se esforçou em globalizar a ficção de que o STF criou no Brasil um modelo de democracia sem rivais no mundo neste século 21. O ministro, que também é presidente vitalício do Centro de Enfrentamento ao Bolsonarismo, conta nessa missão com a parceria da ignorância invencível do Primeiro Mundo (dos outros mundos, então, nem se fale) em relação ao Brasil. Se alguém lá fora soubesse cinco por cento do que acontece de verdade aqui dentro, o presidente do STF não conseguiria falar de cima de um caixote no Hyde Park Corner. Os fatos mostram que em 1° de janeiro de 2019 o Brasil vivia perfeitamente de acordo com a sua Constituição — ou alguém é capaz de citar algum caso concreto de violação da lei por parte do Estado naquela época? Cinco anos e meio sob a administração do STF, pela primeira vez desde o fim da ditadura militar, o Brasil tem presos políticos. Tem exilados que fogem do país para escapar dos cárceres do ministro Alexandre de Moraes. Tem inquéritos policiais perpétuos.

> *Ninguém sabe que o ministro Toffoli pagou com dinheiro público um guarda-costas pessoal quando foi assistir à final da Champions, em Londres. O mundo também não tem ideia de uma anomalia tão extravagante que ganhou o apelido de "Gilmarpalooza"*

A democracia que o ministro Barroso apresenta na Inglaterra tem censura oficial nas redes sociais, em veículos de imprensa e em produtoras de documentários. O brasileiro pode ser preso, interrogado pela polícia, ter suas contas bancárias bloqueadas, ter seu passaporte confiscado, ter o seu sigilo violado. Todas as provas contra a corrupção, mesmo incluindo confissões e devolução de dinheiro roubado, são anuladas pelo STF — o que faz do Brasil o único país do mundo com impunidade garantida por jurisprudência. Juízes que denunciam situações ou sentenças que consideram erradas são expulsos da magistratura. Num caso de flagrante violação da lei penal e dos direitos civis garantidos pela Constituição, um cidadão está preso há mais de quatro meses sem que o ministro Moraes e a Polícia Federal tenham conseguido até agora nenhuma prova das acusações que fazem a ele — e apesar de ter provado que não fez o que é acusado de ter feito. (***Leia a reportagem de capa desta edição.***)

O presidente do STF e todos os seus colegas do circuito de palestras que fazem pelos países ricos não mencionam a nenhum dos auditórios que o político mais popular do Brasil não pode se candidatar a eleições até o ano de 2030 — por ter falado mal das urnas eletrônicas numa conferência a embaixadores estrangeiros. Ninguém sabe que o ministro Toffoli pagou com dinheiro público um guarda-costas pessoal quando foi assistir à final da Champions, em Londres. O mundo também não tem ideia de uma anomalia tão extravagante que ganhou o apelido de "Gilmarpalooza" — um festival de altos magistrados, ministros do governo e empresários com causas no alto Judiciário que vão discutir questões brasileiras em Portugal. (O animador é o ministro Gilmar Mendes, que acumula suas funções de ministro do STF com a propriedade de uma faculdade particular de Direito em Brasília.) Em matéria de conflito de interesses, por sinal, a democracia do ministro Barroso não acha nada de errado que mulheres dos ministros trabalhem em escritórios de advocacia com causas em apreciação no Supremo.

Alberto Leite, empresário, e Dias Toffoli, ministro do STF, na final da Champions League. Toffoli pagou com dinheiro público um guarda-costas pessoal designado para acompanhá-lo na viagem à Inglaterra, entre 25 de maio e 3 de junho de 2024 | Foto: Montagem Revista Oeste/Reprodução/Redes Sociais

Isso tudo, no pensamento oficial, foi que salvou o Brasil do "populismo de direita" — o *mal du siècle* que no entendimento do presidente Barroso é a pior ameaça que a humanidade tem pela frente nos dias de hoje. Segundo ele, o mundo conseguiu nos últimos cem anos superar o nazismo, fascismo, comunismo, fundamentalismo religioso e outros males; no Brasil, em virtude das decisões do STF, superou o bolsonarismo. Precisaria, agora, exterminar essa extrema direita que ganha eleições livres e pretende, uma vez no governo, executar "agendas" que a maioria do eleitorado quer que sejam executadas — coisa que exigiu abertamente com o seu voto. Eis aí a essência dessa visão do mundo: o principal perigo para a democracia é a democracia. Ela pode levar o povo a escolher governos não autorizados pelo STF, e isso, para os ministros, é inegociável. Para simplificar as coisas, basta responder a uma pergunta: é possível a existência de um Toffoli num regime razoavelmente democrático? É possível ter os inquéritos sem fim do ministro Moraes? É possível haver o "Gilmarpalooza"? Não é — e o STF é o primeiro a saber que não é.

As palestras, os despachos e os comícios em circuito fechado feitos pelos ministros, quando se olha mais de perto, são um veredito político. É o que diz a linguagem que usam. Não pronunciam a palavra "liberdade", por exemplo — a não ser para insistir que ela tem limites, está sendo abusada e precisa ser reduzida a rações de guerra. Não falam em "império da lei". Não usam a expressão "direitos humanos", nem "direito de defesa." Não chamam de "baderna", e sim de "golpe armado", um quebra-quebra onde as armas mais pesadas, segundo a sua própria polícia, foram dois ou três estilingues. Acima de tudo, não dizem nem escrevem a palavra "justiça".

Ministro Gilmar Mendes, organizador do "Gilmarpalooza", um festival de altos magistrados, ministros do governo e empresários com causas no alto Judiciário que vão discutir questões brasileiras em Portugal | Foto: Andressa Anholete/STF

Feito por @bancahidden

Fala mais, presidente

Augusto Nunes e Edilson Salgueiro • June 28, 2024

Luiz Inácio Lula da Silva no Palácio do Planalto, em Brasília (17/6/2024) | Foto: Valter Campanato/Agência Brasil

A transcrição sem correções nem retoques de 25 declarações de Lula adverte: os trogloditas já estão no poder

"Não quero discutir eleição e reeleição porque tenho apenas um ano e sete meses de mandato", disse o presidente da República neste 18 de junho. "Quando chegá o momento de discutir, tem muita gente boa pra sê candidato." Lula errou a conta da primeira frase: ele completará um ano e seis meses de desgoverno no próximo domingo, 30. E mentiu na segunda: desde o primeiro dia de janeiro de 2023, quando se instalou pela terceira vez no gabinete no Palácio do Planalto, o Exterminador de Esses e Erres está em campanha para reeleger-se. "Agora, presta atenção no que vou te falá", confessou na continuação da discurseira: "Se for necessário sê candidato pra evitá que os trogloditas que governaram voltem a governá, pode ficá certo que meus 80 anos virarão 40 e eu poderei sê candidato".

"No momento, só penso em cumpri minhas promessa", trapaceou de novo. Até agora, não cumpriu nenhuma. No comando de um dos mais bisonhos governos da história, não apresentou algo que mereça o nome de política econômica, não revelou um único plano ou projeto que preste, não começou nem concluiu nenhuma obra relevante. Tem viajado para o exterior pelo menos uma vez por mês e, quando visita o Brasil, faz o que pode para manter-se distante do local do emprego. Não tem tempo para conversar com seus 39 ministros. Tem todo o tempo do mundo para Janja, primeira-dama e primeira-conselheira. A culpa é sempre dos outros — companheiros ou adversários. E vem falando como nunca, especialmente sobre assuntos que desconhece e episódios que vive tentando falsificar.

Confiram 25 palavrórios registrados nestes 18 meses de Lula 3, reproduzidos em ordem cronológica e sem correções nem retoques:

"Há 500 anos, aqueles que invadiram nosso país e depois disseram que o descobriram, depois de exterminá milhões de índios, resolveram vendê a ideia de que era preciso fazê a escravidão vir para o Brasil, porque os indígenas eram preguiçosos, não gostavam de trabalhar. E se eles não gostavam de trabalhá e não tinha brancos para trabalhá, porque os que vinham da Europa não queriam trabalhá, então resolveram contar história de que os índios eram preguiçosos e, portanto, era preciso trazê o povo negro da África, para produzir nesse país. Ora, toda a desgraça que isso causou ao país... causou uma coisa boa, que foi a mistura, a miscigenação entre indígenas, negros e europeus que permitiu que nascesse essa gente bonita aqui, que gosta de música, de dança, de festa, que gosta de respeito, mas que gosta de trabalhá para sustentá sua família e não vivê de favor, de quem quer que seja."

"De vez em quando, ia um procurador, entrava lá na prisão de sábado, dia de semana, para perguntá: 'Está tudo bem?' Eu respondia: 'Não está tudo bem. Só vai está tudo bem quando eu foder esse Moro'. Vocês cortam a palavra 'foder'."

"A decisão da guerra foi tomada por dois países. E, agora, estamos tentando construir um grupo de países que não têm nenhum envolvimento com a guerra, que não querem a guerra, que desejam construir paz no mundo, para conversarmos tanto com a Rússia quanto com a Ucrânia. Mas, também, nós também temos que ter em conta que é preciso conversá também com os Estados Unidos e com a União Europeia."

"Sempre ouvi dizê que a Organização Mundial da Saúde sempre afirmou que a humanidade deve tê mais ou menos 15% de pessoas com problema de deficiência mental. Se esse número é verdadeiro, e você pega o Brasil, com 220 milhões de habitantes, se você pegá 15% disso, significa que temos quase 30 milhões de pessoas com problema de desequilíbrio de parafuso. Pode uma hora acontecê uma desgraça."

"Eu acho, companheiro Maduro, que é preciso que você saiba a narrativa que se construiu contra a Venezuela. Da antidemocracia, do autoritarismo. Eu acho que cabe à Venezuela mostrá a sua narrativa para que possa efetivamente fazer as pessoas mudarem de opinião. [...] A sua narrativa vai sê infinitamente melhor do que a narrativa que eles têm contado contra você."

"Temos uma profunda gratidão ao continente africano por tudo que foi produzido durante 350 anos de escravidão no nosso país."

"Eu, aliás, se eu pudesse dá um conselho, é o seguinte: a sociedade não tem que sabê como é que vota um ministro da Suprema Corte. Sabe, eu acho que o cara tem que votá e ninguém precisa sabê. Votou a maioria 5 a 4, 6 a 4, 3 a 2. Não precisa ninguém sabê que foi o Uchôa que votou, foi o Camilo que votou. Aí cada um que perde fica com raiva, cada um que ganha fica feliz."

"Se o Putin vier para o Brasil, não tem como ele sê preso. Não, ele não será preso. Ninguém vai desrespeitá o Brasil. Se você prendê alguém no Brasil sem a autorização do governo, você não vai respeitá o Brasil."

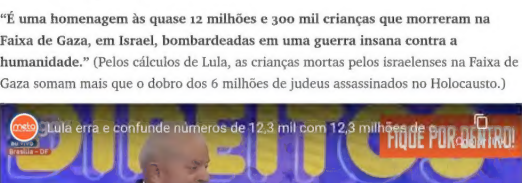
"Se eu tiver informação — 'Olha, ô Lula, tem um presidente de tal país que é amigo do Hamas' —, é para esse que eu vou ligá: 'Ô cara, fala pro Hamas libertá os reféns, porra. Para que ficá com os reféns lá retidos? Liberta. Tem gente que precisa de remédio para tomá, tem gente que tem asma. Liberta o refém'. E também falá para o governo de Israel: 'Liberta os presos, liberta os sequestrados. Que coisa que é essa?'."

"Resolvê o problema em torno de uma mesa de negociação, em torno de uma conversa, é muito mais barato, é muito mais fácil, é muito mais econômico. Um casal dentro de casa, quando tiver algum problema de desavença, sente numa mesa, converse, discuta. Não é possível a gente chegar às vias de fato por uma divergência, por ciúmes."

> *"Em fábrica, a gente sabe que tem que tê uma profissão. Se a gente não tivé uma profissão, a gente vai sê ajudante-geral. E ajudante-geral não ganha nada. Nenhuma mulher qué namorá com um cara que mostra a carteira profissional e tem a profissão ajudante-geral."*

"Sabe, o que está acontecendo na Faixa de Gaza, com o povo palestino, não existe em nenhum outro momento histórico. Aliás, existiu quando Hitler resolveu matá os judeus."

"Nós temos um pequeno problema aqui. A imprensa vai se retirá por conta de logística. As pessoas têm que ir embora. Eu e o Sarkozy [confundindo o presidente francês Emmanuel Macron, ao seu lado, com o antecessor, Nicolas Sarkozy] *vamo viajá para o Rio de Janeiro ainda hoje à noite."*

"É uma homenagem às quase 12 milhões e 300 mil crianças que morreram na Faixa de Gaza, em Israel, bombardeadas em uma guerra insana contra a humanidade." (Pelos cálculos de Lula, as crianças mortas pelos israelenses na Faixa de Gaza somam mais que o dobro dos 6 milhões de judeus assassinados no Holocausto.)

"Vamo criá vergonha. Vai tê uma conferência nacional em julho, e vocês tratem de me apresentá um produto de inteligência artificial em língua portuguesa, criado pelos brasileiros. Porque a gente não vai permitir que nos roubem a criação da inteligência artificial, assim como foi roubada a criação do avião."

"Se o Zelensky diz que não tem conversa com o Putin, e o Putin diz que não tem conversa com o Zelensky, ou seja, é porque eles estão gostando da guerra, porque senão já tinham sentado para conversá e tentá encontrá uma solução pacífica."

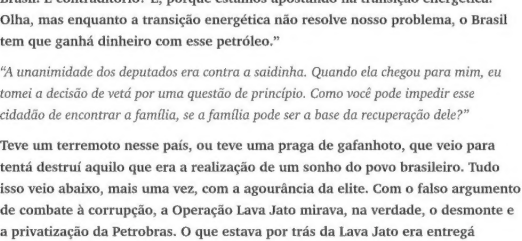
"A concentração de renda é tão absurda que alguns indivíduos possuem seus próprios programas espaciais. Certamente tentando encontrá um planeta melhor que a Terra, para não ficá no meio dos trabalhadores que são responsáveis pela riqueza deles."

"Eu não tenho nada contra o Haddad. O Haddad é um extraordinário ministro da Defesa."

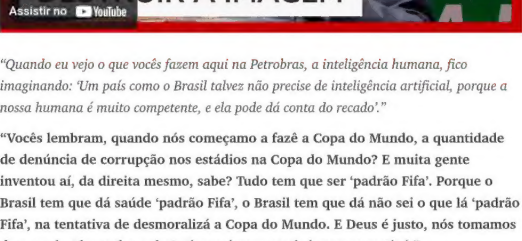
"Um presidente do Banco Central que não demonstra nenhuma capacidade de autonomia, que tem lado político e que, na minha opinião, trabalha muito mais para prejudicá o país do que ajudá o país, porque não tem explicação a taxa de juros do jeito que está. A quem esse rapaz é submetido?"

"Não tem contradição. Temos Guiana, Suriname explorando petróleo, próximo de nós. O que não dá é pra gente dizê, *a priori*, que vai abri mão de explorá uma riqueza que, se for verdade as previsões, é uma riqueza muito grande para o Brasil. É contraditório? É, porque estamos apostando na transição energética. Olha, mas enquanto a transição energética não resolve nosso problema, o Brasil tem que ganhá dinheiro com esse petróleo."

"A unanimidade dos deputados era contra a saidinha. Quando ela chegou para mim, eu tomei a decisão de vetá por uma questão de princípio. Como você pode impedir esse cidadão de encontrar a família, se a família pode ser a base da recuperação dele?"

Teve um terremoto nesse país, ou teve uma praga de gafanhoto, que veio para tentá destruí aquilo que era a realização de um sonho do povo brasileiro. Tudo isso veio abaixo, mais uma vez, com a agourância da elite. Com o falso argumento de combate à corrupção, a Operação Lava Jato mirava, na verdade, o desmonte e a privatização da Petrobras. O que estava por trás da Lava Jato era entregá patrimônio a petrolíferas estrangeiras."

"Quando eu vejo o que vocês fazem aqui na Petrobras, a inteligência humana, fico imaginando: 'Um país como o Brasil talvez não precise de inteligência artificial, porque a nossa humana é muito competente, e ela pode dá conta do recado'."

"Vocês lembram, quando nós começamo a fazê a Copa do Mundo, a quantidade de denúncia de corrupção nos estádios na Copa do Mundo? E muita gente inventou aí, da direita mesmo, sabe? Tudo tem que ser 'padrão Fifa'. Porque o Brasil tem que dá saúde 'padrão Fifa', o Brasil tem que dá não sei o que lá 'padrão Fifa', na tentativa de desmoralizá a Copa do Mundo. E Deus é justo, nós tomamos de 7 a 1 da Alemanha, sabe? Já que é para castigá, vamos castigá."

"Eu sou da turma em que artista, cinema e novela não é pra ensiná putaria. É pra ensiná cultura, contá história, contá narrativas, e não pra dizê que nós queremos ensiná às crianças coisas erradas. Nós só queremos fazê aquilo que se chama arte. Quem não quiser entendê o que é arte, dane-se."

"A única razão pela qual eu quis sê presidente da República era pra prová: é possível e é barato cuidá do povo pobre desse país. O que custa caro é cuidá de rico. Rico custa caro. Porque o pobre vai conversá com você e ele pede R$ 10 reais. O rico pede logo R$ 10 bilhões."

Essa curta viagem por uma cabeça baldia merece encerrar-se com o que Lula acha da primeira-dama: "Eu tenho uma mulher especial, sabe? A Janja é uma espécie de meu farol. Sabe aquele farol que guia assim? Ou seja, quando tem coisa errada, ela me chama atenção. Quando tem alguma coisa no jornal errada, ela me chama atenção. Quando tem alguma coisa na rede, ela me chama atenção. Às vezes, ela fala coisa para mim que minha assessoria não fala, e ela fala. A gente troca muita ideia". Como se houvesse alguma ideia aproveitável a ser trocada.

O besteirol acima transcrito adverte: faz 18 meses que o Brasil é assombrado pelo perigo que Lula invoca para disputar um quarto mandato. Desde janeiro de 2023, a Presidência da República está nas mãos de um troglodita. Ou dois.

As jacobinas do basquete brasileiro

Ana Paula Henkel • June 28, 2024

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/bancahidden

Diego Falcão, preparador físico, foi demitido da seleção brasileira de basquete feminino | Montagem: Divulgação/Revista Oeste

Em tempos em que opinar contra o manual progressista virou crime hediondo, o pescoço de Diego foi colocado nas lâminas das nossas revolucionárias de boutique

"Liberté, Égalité, Fraternité" ("Liberdade, Igualdade, Fraternidade") é um lema que se originou durante a Revolução Francesa, encapsulando os ideais revolucionários da época. Representava uma ruptura radical com a monarquia e o sistema feudal do antigo regime, defendendo uma sociedade fundada em direitos iguais, liberdades pessoais e virtude cívica. Durante a Revolução, o lema foi amplamente utilizado em discursos e escritos, expressando o desejo de acabar com os privilégios aristocráticos e estabelecer uma nova ordem social.

Embora tenha se popularizado durante a Revolução, *"Liberté, Égalité, Fraternité"* não foi imediatamente adotado como lema oficial da França. Foi apenas com a instauração da Terceira República, em 1870, que o lema foi oficialmente reconhecido e consagrado como símbolo nacional. Desde então, tem sido incorporado na Constituição francesa e se tornou uma parte central da identidade nacional.

Hoje, *"Liberté, Égalité, Fraternité"* aparece em moedas, edifícios governamentais e documentos oficiais da França. O lema continua a ser uma expressão poderosa dos valores fundamentais da República Francesa e é frequentemente invocado em discussões sobre direitos humanos e justiça social. Reflete as aspirações do povo francês por uma sociedade onde as liberdades individuais são respeitadas, todos são tratados igualmente perante a lei e prevalece um sentido de solidariedade e comunidade. Esse lema deveria lembrar constantemente o compromisso da nação com a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Sua gênese, no entanto, vem de uma revolução não muito virtuosa.

O lema "Liberté, Égalité, Fraternité" exibido em Paris, na França | Foto: Shutterstock

A Revolução Francesa foi um divisor de águas na história europeia moderna. Começou em 1789 e terminou no final da década de 1790, com a ascensão de Napoleão Bonaparte. Durante esse período, Maximilien Robespierre, o arquiteto do Reino do Terror da Revolução, encorajou a execução dos inimigos do movimento que prometeu liberdade, igualdade e fraternidade.

O rei Luís XVI, condenado à morte por alta traição e crimes contra o Estado, foi enviado à guilhotina. Sua esposa, Maria Antonieta, teve o mesmo destino nove meses depois. Após a execução do rei, a guerra com várias potências europeias e intensas divisões ideológicas conduziram a Revolução Francesa à sua fase mais violenta e turbulenta. Em junho de 1793, os jacobinos tomaram o controle da Convenção Nacional dos girondinos mais moderados e instituíram uma série de medidas radicais, incluindo o estabelecimento de um novo calendário e a erradicação do Cristianismo. Aqui foi desencadeado o sangrento Reino do Terror, um período de dez meses em que os inimigos suspeitos da revolução foram guilhotinados aos milhares.

Guardadas as devidas proporções, é praticamente impossível não visitar esse bárbaro período da história mundial para abordar o que aconteceu na última semana com Diego Falcão, preparador físico da seleção brasileira de basquete feminino, que foi demitido de seu posto por expressar publicamente sua opinião sobre o aborto.

Execução de Luís XVI, gravura publicada em Cassell's Illustrated History of England, de John Cassell (1865) | Foto: Wikimedia Commons

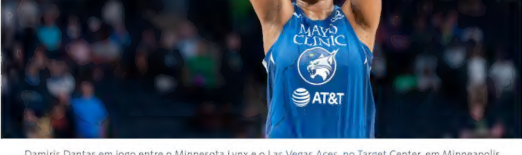
Em suas redes sociais, Falcão declarou apoio ao Projeto de Lei nº 1.904/2023, que visa a alterar o Código Penal para equiparar o aborto em gestações acima de 22 semanas ao crime de homicídio:

"Qualquer país que aceite o aborto não está ensinando o seu povo a amar, mas a usar qualquer violência para conseguir o que deseja", opinou o profissional do esporte.

Opinião? E contra o aborto? Não pode, Diego. Perdeu a cabeça? Bem, sim.

Falcão foi guilhotinado pela Confederação Brasileira de Basquete (CBB) após pressão de um grupo de jogadoras — as jacobinas do basquete brasileiro — que entraram em campo para tirar de circulação aquele que ousou ir contra a cartilha abortista da turma do amor. Em tempos em que opinar contra o manual progressista virou crime hediondo, o pescoço de Diego foi colocado nas lâminas das nossas revolucionárias de boutique.

A atleta da WNBA Damiris Dantas, preocupadíssima com o "direito" das mulheres de poder matar bebês no ventre das mães, mas não com o direito à vida de meninas, postou em suas redes sociais:

"Inacreditável que um profissional, que trabalha com o feminino, demonstre esse tipo de posicionamento nas redes sociais. O estupro é um crime grave. Que as mulheres tenham o direito de decidir e expressar sua opinião sobre isso. É essencial que nossa confederação se posicione de forma clara e adequada a esse assunto tão sério."

Damiris Dantas em jogo entre o Minnesota Lynx e o Las Vegas Aces, no Target Center, em Minneapolis (1º/6/2019) | Foto: Wikimedia Commons/Lorie Shaull

Damiris, além de dizer a obviedade de que estupro é um crime grave, mostra preocupação com o direito das mulheres de se expressar. E não basta apenas silenciar um homem que se preocupa com o primeiro direito de qualquer mulher. Contra aqueles que pecam contra a agenda, é preciso mostrar às multidões toda a hipocrisia em defender a liberdade de expressão apenas para quem pensa como os jacobinos. Pelo "direito de matar bebês com cinco meses de gestação", é preciso tentar destruir o nome e a reputação dos inimigos da nefasta agenda. Tudo em nome do amor, claro.

> *A Confederação Brasileira de Basquete foi incapaz de pairar acima das agendas políticas e mostrar liderança. Seitas ideológicas cobram pedágio, e a CBB pagou o seu para ser poupada*

O que aconteceu com Diego Falcão se tornou o novo normal no debate público. E não pode — em hipótese alguma — ser aceito por nós. Esse é mais um caso destes tempos em que a intolerância e o rancor são impostos à sociedade com violência cada vez maior pelos movimentos ditos "progressistas". O linchamento virtual, a pressão para que qualquer um contra as opiniões autorizadas seja expurgado de qualquer debate e de seus campos profissionais, vai além do pagamento de pedágio ideológico — mostra uma covardia digna dos sistemas totalitários que o mundo já testemunhou em sua história. Diego não fez nada além de exercer o direito constitucional à expressão do seu próprio pensamento.

Diego Falcão, preparador físico | Foto: Reprodução/Redes Sociais

A decepção com as jogadoras, covardes e autoritárias, só não é maior do que o desapontamento com a Confederação Brasileira de Basquete, que deveria ter sido o adulto na sala. A CBB não aguentou a pressão das guilhotinas chegando à praça pública virtual e se curvou para beijar os anéis das supostas rainhas do pedaço e suas cartilhas abortivas. O desligamento de Diego da seleção brasileira marcou pontos gloriosos com a audiência cativa dos cancelamentos, o aplauso fácil veio instantaneamente, e a instituição não protegeu a espinha dorsal do esporte como um todo: a verdadeira igualdade — a presença conquistada de cada membro em um time baseada em sua competência técnica, e não em opiniões, credos, orientação sexual ou qualquer outra vertente da vida social de cada pessoa que não seja pertinente ao seu exclusivo desempenho como profissional. A Confederação Brasileira de Basquete foi incapaz de pairar acima das agendas políticas e mostrar liderança. Seitas ideológicas cobram pedágio, e a CBB pagou o seu para ser poupada.

Recentemente, o psicólogo canadense e grande pensador contemporâneo Jordan Peterson esteve no Brasil. Peterson também já sofreu inúmeras tentativas de assassinato de sua reputação por parte dos "jacobinos do bem". Para isso, ele tem o seguinte conselho: "Nunca se ajoelhe a uma multidão sedenta de sangue. Você não está lidando com pessoas com quem pode restabelecer um relacionamento. Você está lidando com uma ideia sem alma que possui pessoas".

Jordan Peterson, psicólogo e professor canadense | Foto: Shutterstock

E foi isso que Diego fez. Agarrou-se em seus princípios inegociáveis e não cedeu. E um exército se levantou para aplaudi-lo. Os seguidores em suas redes sociais, que antes do episódio eram em torno de 20 mil, hoje já somam mais de 500 mil apoiadores. Essa semana, o atual técnico da seleção feminina de basquete, José Neto, parceiro profissional e amigo de Diego Falcão há 17 anos, pediu demissão em solidariedade ao amigo. Glória aos homens de coragem que não sucumbem diante da maldade dos covardes. Salve, José Neto!

Na ultima quarta-feira, Diego Falcão deu um longa entrevista ao programa **Oeste Sem Filtro**, e disse que, como um católico apostólico romano e contra o aborto, ficou preocupado com a censura:

"Hoje sou eu, amanhã pode ser você a ser retirado por uma liberdade de expressão. E isso me preocupa porque é censura. Sei que existem pessoas responsáveis pela minha demissão, mas me calar, nunca. Censura não pode, o Brasil é um país democrático. Fica aqui a minha tristeza, foi quebrado um objetivo, um sonho de medalha olímpica. A intolerância venceu o esporte, mas vamos seguir."

Diego Falcão conquista a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de 2023 | Foto: Reprodução/Redes Sociais

Milhares das mortes na guilhotina durante a Revolução Francesa aconteceram sob as ordens de Robespierre. No entanto, o francês revolucionário, que queria impor suas ideias com violência e brutalidade, jamais imaginou que seus métodos alcançariam exatamente o seu pescoço. Robespierre foi executado em 28 de julho de 1794.

A Revolução Francesa se tornou o modelo para outras revoluções nos séculos seguintes e, como eles, esse tipo de revolução consome seus próprios filhos.

Diego Falcão e José Neto, vocês são gigantes. Filhos de Deus e de princípios inegociáveis, não de revoluções bárbaras cobertas de sangue. Sejam elas em 1790, ou em 2024.

Feito por @bancahidden

Partido representa?

Alexandre Garcia • June 28, 2024

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/bancahidden

Foto: Shutterstock

É bom lembrar, antes de mais nada, que os eleitores são os mandantes dos políticos, já que em democracia o poder emana do povo

Escolas cívico-militares são lugares onde não entra droga nem violência nem bagunça; com a disciplina, a evasão cai e o aprendizado sobe. Professores ensinam seguros e famílias ficam tranquilas. Prefeitos querem escolas assim — e já são 800 no país. Mas o Psol e o PT não querem e não gostam dessas escolas ordeiras, disciplinadas e produtivas. Entraram no Supremo na tentativa de derrubar lei da maioria dos representantes do povo paulista, para impedir que o governo estadual tenha quase uma centena desses lugares. Cito o fato para lembrar que notícias assim devem ser consideradas ao escolher o partido em que votar numa eleição. O partido precisa representar a vontade de uma parte da população.

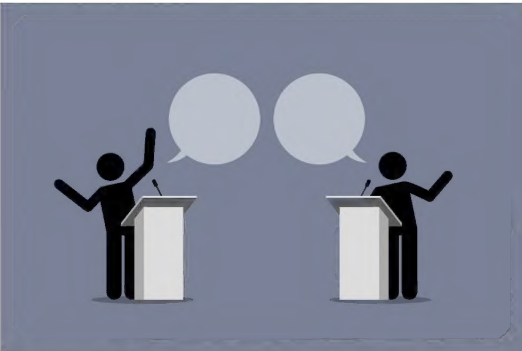
Primeiro dia de aula no CED 01 da Estrutural, uma das escolas públicas do DF onde foi implementado o modelo cívico-militar | Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

No próximo 20 de julho, começam as convenções em que os partidos escolhem seus candidatos para as eleições municipais de 6 de outubro. Vão as convenções representar a vontade dos eleitores dos partidos? Estão os partidos políticos representando verdadeiramente as diversas correntes ideológicas, doutrinárias, culturais, que fazem parte da vida e das diferentes raízes de seus eleitores? É bom lembrar, antes de mais nada, que os eleitores são os mandantes dos políticos — e estes, seus mandatários —, já que em democracia o poder emana do povo. Estão os partidos sendo os reais representantes e defensores das expectativas, esperanças e necessidades do povo? Parece que não. E também parece que os partidos não querem encarar esse fato, porque não pretendem abandonar seu fisiologismo e sua distância do povo. Os partidos só se aproximam do povo em vésperas de eleição, como agora. Se nessa fase auscultam a origem do poder, parece que depois esquecem.

Os programas partidários são quase iguais. Emprego, desenvolvimento econômico, diminuição das desigualdades… Pergunte a um eleitor cujo casebre exibe na parede o cartaz de algum partido por 30 anos se sua vida melhorou por ter sido votante fiel. Se teve saneamento, atendimento à saúde, segurança, ensino eficiente para os filhos, oferta de bom trabalho. Quais os resultados dos discursos, entrevistas, declarações, promessas? Tornaram-se realidade? Os partidos políticos — com os bilhões de reais dos pagadores de impostos a garantir fundos para campanhas e para sustentar suas atividades — estão conscientes de que devem satisfações à origem do poder e do dinheiro que os sustenta?

> *Os partidos vão ter que mudar se quiserem permanecer como força e poder. Não adianta rotular pejorativamente as novidades; é preciso conhecer a vontade atual de seu patrão brasileiro*

A recente eleição para o Parlamento Europeu mostrou como as correntes políticas tradicionais, a social-democracia e a democracia cristã, com todo o desenvolvimento europeu, não estão conseguindo dar respostas às necessidades de seus cidadãos. Na Europa, o eleitor votou em novas forças, e as velhas oligarquias limitam-se a tentar desqualificar as novidades, carimbando-as de populismo. Macron chama de fascismo. Mas o povo europeu sente que os oligarcas falharam, com imigrações descontroladas e importação do modismo *woke* americano. São os mesmos desde o fim da Segunda Guerra e não querem largar o poder; mas o povo avisou, nessa eleição do Parlamento Europeu, que vai tirá-los. Nessa Europa, pelo menos, todos garantem a liberdade de expressão.

Lá como cá os partidos — vale dizer, seus "donos" — vão ter que mudar se quiserem permanecer como força e poder. Não adianta rotular pejorativamente as novidades; é preciso conhecer a vontade atual de seu patrão brasileiro. Estão tentando enfiar goela abaixo do nosso povo ideias estranhas ao espírito nacional — e vão perder. Bobagens importadas e geradas por elites supostamente progressistas não são sequer compreendidas. Estamos precisando de saneamento, esgoto, água tratada, saúde básica, ensino de verdade, segurança, proteção à vida e à propriedade e respeito a um povo que pouco tem, mas percebe quando um político está mentindo e quando um partido contraria seus princípios.

Os programas partidários são quase iguais: emprego, desenvolvimento econômico, diminuição das desigualdades… | Foto: Shutterstock

Feito por @bancahidden

Presos na masmorra do lulismo sombrio

Adalberto Piotto • June 28, 2024

Ilustração: Shutterstock

A errática política econômica do governo aprisionou o país numa insegurança jurídica dentro de um buraco fiscal negativo que só aumenta

Economia vive de expectativa. Economia é feita de gente que precisa de expectativa, de noção de futuro, de enxergar caminhos para manter a essência darwiniana da espécie: o avanço, a evolução. Tire a perspectiva de olhar adiante e se encontrar lá na frente do ser humano e ele se perde.

A economia brasileira tem dado voltas em torno de si mesma com números laterais de alguma melhora aqui ou ali, que trazem algum alento, mas que não se sustentam no longo prazo. O país permanece à espera de condições para criar um cenário mínimo de expectativas e engatar uma retomada pujante. Não tem conseguido. A errática política econômica do governo de um Lula verborrágico e inconsequente em declarações desconexas aprisionou a economia do país em uma masmorra de insegurança jurídica dentro de um buraco fiscal negativo que só aumenta. Não é um túnel. É um buraco onde a vida brasileira, sob uma estranha democracia que tem presos políticos e julgamentos sem o devido processo legal em pleno ano de 2024, é forçada, quase sem poder de reação, a conviver com mudanças de regras tributárias no tapetão do ativismo judicial supremo. Não bastasse isso, a distorção do pacificado conceito da previsibilidade, da razoabilidade e da proporcionalidade em suas decisões é anabolizada por um Executivo sem o menor pragmatismo governamental de sequer defender as contas do país. O investidor privado, brasileiro ou estrangeiro, prefere esperar. Em democracias onde as liberdades e direitos de seus cidadãos correm risco, a liberdade econômica não se sente segura.

Lula durante entrevista aos jornalistas Leonardo Sakamoto e Carla Araújo, do UOL, no Palácio do Planalto, em Brasília (26/6/2024) | Foto: Ricardo Stuckert/PR

Confesso que havia me programado para trazer notícias boas nesta crônica semanal em **Oeste**. E o Brasil é tão pródigo em dar a volta por cima ou em conseguir desviar de problemas no caminho que isso era possível. E o exemplo desse nosso talento é recente. Uma história real de como passamos por problemas que poderiam fazer desandar nossa sensível economia mas que se tornaram apenas um solavanco momentâneo pela atuação de gente com pensamento republicano. Se o Brasil não é para amadores, como diz a frase normalmente usada como depreciativa, quando profissionais certos chegam, vêm para fazer o certo acontecer.

O caso bem-sucedido do talento nacional de arranjar soluções próprias para problemas próprios aconteceu no governo de Michel Temer, em maio de 2017.

Até aquele momento, o governo Temer era um sucesso de recuperação econômica do país e de estatais, como a Petrobras, depois de suceder o trágico governo Dilma. Logo ao assumir o governo, em 12 de maio de 2016, Temer e seu grupo político uniram forças para a aprovação da Lei das Estatais, uma ação moralizadora e de eficiência em gestão, com maior controle público e proibição de ingerência política nas empresas que haviam sido empurradas ao limbo de escândalos de corrupção e perda de valor pelos governos petistas de Lula e Dilma Rousseff.

O então presidente Michel Temer (no centro) entre Ilan Goldfajn e Henrique Meirelles, membros de sua equipe econômica, em Brasília (17/5/2016) | Foto: Lula Marques/Agência PT

A reforma de modernização da legislação trabalhista caminhava a passos certeiros no Congresso, a economia tinha Henrique Meirelles, no Ministério da Fazenda, com um plano de retomada de um Estado menos interventor, aberto à iniciativa privada e com forte austeridade fiscal para recuperar o país do pesadelo da explosão de gastos. No Banco Central, Ilan Goldfajn trabalhava com autonomia para conter a inflação e recuperar o poder de compra da moeda. Foi um combo de sensatez com nomes de competência reconhecida, técnica administrativa apurada, parceria reformadora com o Congresso e um presidente disposto a sacrificar sua popularidade em nome da reconstrução de um país que vinha de dois anos de recessão. E que conseguiu!

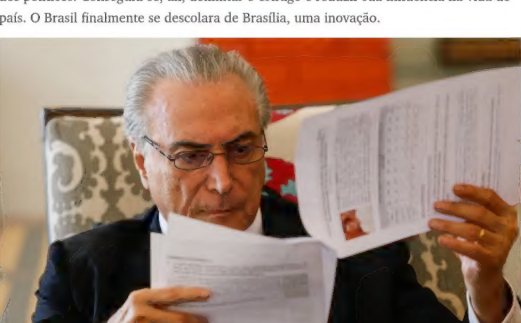
O caso da crise barulhenta, que prometia derrubar a decolagem do Brasil e foi transformada em passageira, aconteceu no dia 17 de maio de 2017, em meio a um cenário de um país que voltara aos trilhos da parceria entre a opinião pública, o setor privado e o governo. No dia anterior, uma gravação divulgada pelo empresário Joesley Batista, do frigorífico JBS, trazia uma conversa dele com o presidente Michel Temer. A exploração política do caso sugeria que o presidente o aconselhava a comprar o silêncio de Eduardo Cunha, que fora presidente da Câmara. A Bolsa de Valores de São Paulo colapsou, fechou com perdas de 9% e teve várias interrupções do pregão (*circuit breaker*) para evitar quedas maiores. Era um clima de insegurança e de enorme instabilidade política que poderia gerar uma paralisação do governo e a ameaça de um novo processo de *impeachment* em pouco mais de um ano.

Era inegável o momento ruim da política. Mas incrivelmente a economia logo se recuperaria, com a percepção clara do setor privado de que governo não abandonaria seus planos de austeridade com o compromisso de equilibrar as contas públicas, modernizar a economia e atrair investimento estrangeiro. O Banco Central continuaria autônomo no controle da inflação e da política monetária, e o Congresso manteria minimamente o foco, mesmo com a oposição petista esticando a corda. Era completamente sem sentido o Lulismo e Dilma tomarem para si o discurso da ética e da eficiência. Tinham acabado de ser apeados do poder depois de legarem ao país o maior escândalo de corrupção e a maior crise econômica de nossa história. Incrivelmente, tiveram o apoio da imprensa dócil ao petismo, a mesma aliada hoje a Lula 3, mas sem sucesso. Temer continuou.

Dilma Rousseff diante dos senadores, durante sessão de julgamento do impeachment (31/8/2016) | Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Fato é que, à época, apesar do barulho da política, os mercados se acalmariam em seguida e o Congresso aprovaria a reforma trabalhista logo em julho do mesmo ano. O que o Brasil perdeu foi a oportunidade, em seguida, de fazer a reforma da Previdência, dada a perda do capital político de Temer, mas que viria a ser feita em tempo recorde logo no primeiro ano do governo Bolsonaro. O Brasil surpreende.

Naquele ano de 2017, o PIB cresceu 1%, posteriormente revisado para cima, em 1,3%, saindo de uma recessão de dois anos seguidos com quedas de 3,5% e 3,3%. Em 2018, um novo crescimento da economia: 1,8%.

Nesse particular, o governo Michel Temer, dada a resiliência de seu plano econômico, a decisão de preservar e manter o governo funcionando, apesar da instabilidade política e da forte campanha contra sua continuidade, é um caso de sucesso notável de descolamento da economia pragmática em relação à agenda candente dos partidos e dos políticos. Conseguiu-se, ali, delimitar o estrago e reduzir sua influência na vida do país. O Brasil finalmente se descolara de Brasília, uma inovação.

O então presidente Michel Temer, no Brics (16/10/2016) | Foto: Wikimedia Commons

Tempos depois, é evidente que não foi o mercado que conseguiu se descolar sozinho da influência de um ambiente político negativo e com muito ruído. Ao manter o seu plano de recuperação econômica de metas fiscais responsáveis, de redução da inflação, de reformas estruturais e de modernização e moralização do país, sobretudo nas estatais, mesmo sendo o próprio presidente acusado de desvio ético, o governo manteve o rumo. A economia foi preservada dentro da administração Temer, que viria a ser inocentado posteriormente.

> *O titular da Fazenda pediu recentemente que o Banco Central não considere o impacto da tragédia no Rio Grande do Sul, que o governo patina vergonhosamente em ajudar na recuperação, no cálculo da inflação. Como assim?*

Então, o que nos diferencia para não termos agora o necessário descolamento da economia diante de um governo que se enfraquece diariamente e põe em risco o futuro do país?

Essencialmente, dois aspectos: Lula, ele próprio, que não tem a menor condição e coragem de ser um Temer; e a ausência de um plano de governo efetivo e eficiente de recuperação econômica e de responsabilidade fiscal a que seguir, a que dar continuidade. Se não há plano bom, como houve na gestão Temer, faz-se o quê? Percebe o nó atual?

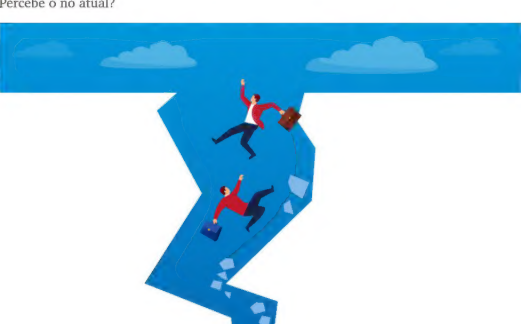



Ilustração: Shutterstock

E as decisões de Lula 3 são insustentáveis. A tentativa de reoneração via liminar do Supremo foi o último desastre institucional. O arcabouço fiscal, com menos de um ano, já teve metas alteradas para permitir mais gastos ao governo, que já mudou também a composição do Carf para ter maioria em disputas tributárias, visto que a política do ministro Haddad é de arrecadação a qualquer custo. O titular da Fazenda pediu recentemente que o Banco Central não considere o impacto da tragédia no Rio Grande do Sul, que o governo patina vergonhosamente em ajudar na recuperação, no cálculo da inflação. Como assim? Sem contar o escândalo do "Arrozão" e a incapacidade de conversar com os produtores gaúchos. O Congresso percebeu a bagunça e já impõe freios. Os empresários também, até os que acreditaram na inacreditável tese do amor e da democracia. O STF, que tem quase um consórcio com Lula, é uma incógnita, porque parece ter perdido seus esteios de autocontenção institucional, adepto que é de julgar tudo, uma fonte de insegurança jurídica infinita. No momento em que escrevo esta coluna, vejo no noticiário político-econômico que Lula, que não para de reclamar de Roberto Campos Neto, ainda resiste em cortar gastos e desfila seu desconhecimento atroz sobre as contas do governo e alternativas de recuperação. Pelo contrário, as vaidades de donos de ideias ruins e atrasadas não se cansam de tentar impor o infortúnio econômico que este país imaginava ter deixado para trás.

O descolamento da economia que se vê hoje acontece em poucos setores, não como meta de se desvencilhar do barulho político para crescer e avançar. Mas apenas para resistir e sobreviver. O agro é um exemplo. E isso, embora compreensível, é frustrante. A crise de Temer foi muito maior num momento político e econômico muito mais conturbado. Se o exemplo de descolamento bem-sucedido não consegue dar certo agora, dá a exata ideia da dimensão que é o atual governo federal.

Não gosto muito da frase de Roberto Campos, o avô, que diz que "o Brasil não perde a oportunidade de perder oportunidade". Em que pesem o talento e a perspicácia do autor, ela já não se aplica. Há questões temporais que inviabilizam o uso da frase no século 21. Mas troque "Brasil" por "governo Lula" e, aí, faz sentido. O Brasil é diverso e são muitos. O governo Lula 3 é só um e está cada vez mais isolado.

A esquerda democrata

Rodrigo Constantino • June 28, 2024

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/bancahidden

Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República, e Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República (24/6/2024) | Foto: Ricardo Stuckert/PR

Quando a direita finalmente surgiu em cena na política brasileira, os tucanos se uniram aos petistas para afastar a ameaça

Nos Estados Unidos, com seu bipartidarismo, o Partido Democrata abriga dentro de si duas vertentes que, no Brasil, seriam representadas pelo PT/Psol e pelo PSDB. Ou seja, há uma esquerda mais radical, socialista, que disputa com os mais moderados da social-democracia. A velha guarda, incluindo o presidente Joe Biden, seria a turma mais "tucana", enquanto o "novo esquadrão", liderado por figuras como AOC, seria um misto de PT com Psol.

Houve uma "revolução silenciosa" ao longo das últimas décadas que radicalizou bastante o partido, e hoje Biden precisa acenar o tempo todo para essa franja mais extremista, que chega, em alguns casos, a flertar até com grupos terroristas, como o Hamas. O denominador comum é o ódio que todos eles sentem pelo legado ocidental, partindo da premissa marxista-leninista de que há apenas oprimidos e opressores no mundo, e que o fracasso ou pobreza de uns deve ser explicado pelo sucesso ou riqueza de outros.

Essa divisão interna na esquerda se repete no Brasil também, mas em partidos diferentes por causa da realidade da política nacional. Os tucanos eram rotulados como "neoliberais" ou até "reacionários" pelos socialistas do PT e do Psol, mas tudo isso não passava de um "teatro das tesouras" ou de disputa dentro do quintal esquerdista. O fato é que o PSDB sempre foi social-democrata, um partido de esquerda, portanto, e com certa simpatia, algumas vezes velada, pelo discurso mais revolucionário de seus primos petistas radicais.

Lula, Janja, Lu Alckmin e Geraldo Alckmin desfilam em carro aberto na Esplanada dos Ministérios (1º/1/2023) | Foto: Ricardo Stuckert

O intelectual FHC nunca escondeu sua admiração pelo metalúrgico Lula, em que pese o grau de ataque virulento dos petistas em épocas de eleição. Tal como "mulher de malandro", os tucanos parecem até gostar desses ataques. O que eles não suportam mesmo é uma direita verdadeira, aquela liberal ou conservadora, que rejeita os valores "progressistas", o socialismo, seja o mais clássico, seja o mais *light* ou Fabiano. Quando a direita finalmente surgiu em cena na política brasileira, os tucanos se uniram aos petistas para afastar a ameaça. Essa foi a coalização que levou o ladrão de volta à cena do crime, como diria o tucano Alckmin antes de se tornar vice do próprio ladrão em questão.

Uma coluna de Merval Pereira no *Globo* nesta semana retrata com perfeição essa mentalidade tucana. Merval é o típico jornalista tucano, com seus modos mais elegantes, sua postura mais moderada, seu refinamento digno de uma ABL, mas sempre disposto a "passar pano" para o PT. E foi exatamente o que ele fez em seu texto, chamado "Sinais para o futuro". Merval, como todo tucano, tem a esperança de que Lula e o PT se tornem mais moderados, que passem a adotar a postura e a agenda tucanas.

> *A esquerda "moderada", que às vezes se vende como se fosse liberal, prefere sempre um socialista corrupto bajulador de tiranos a um liberal clássico ou um conservador*

Logo no subtítulo, Merval mostra qual é o seu sonho: "Lula parece ter compreendido que precisa dos órfãos do PSDB, de centro-esquerda, para combater a direita". Ele diz isso com base na visita que o presidente fez a FHC, com a presença do ultrarradical Noam Chomsky. Para Merval, isso pode ser sinal de que Lula quer resgatar a aliança que lhe deu a vitória:

Merval Pereira

Uma análise multimídia dos fatos mais importantes do dia

Sinais para o futuro

Lula parece ter compreendido que precisa dos órfãos do PSDB, de centro-esquerda, para combater a direita

Por Merval Pereira

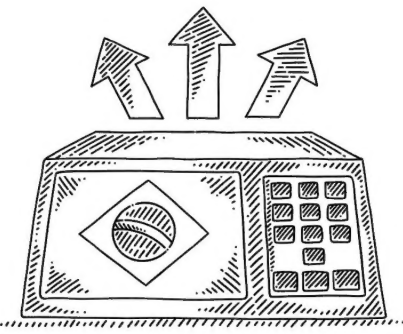
25/06/2024 04h30 · Atualizado há 3 dias

Coluna de Merval Pereira publicada no jornal O Globo (25/6/2024) | Foto: Reprodução

"A direita, a reboque de seus extremistas, absorveu quase integralmente os eleitores tucanos num primeiro movimento de rejeição ao petismo, que desaguou na eleição de Bolsonaro em 2018. Depois do desastre que foi seu governo, parte desses tucanos votou no PT, uns pela primeira vez na vida cívica, para tentar recuperar a força da social-democracia. O terceiro governo de Lula, no entanto, não tem dado a esses eleitores, e não apenas a eles, a expectativa de um futuro melhor, mesmo que o clima político tenha amenizado."

O governo Bolsonaro foi mesmo um desastre? Isso mais parece torcida ideológica do que análise imparcial. Mas, pela ótica esquerdista, claro que o sucesso de uma equipe liberal como a de Paulo Guedes pode ser um enorme fardo. Como defender os economistas tucanos, mesmo aqueles do mercado, depois disso? Os tucanos preferiram Fernando Haddad no comando da pasta! O que fica claro é que um tucano típico vai sempre preferir um socialista a um liberal, ainda que tenha que mentir inventando que a gestão liberal foi um "desastre". Merval continua:

"O que era um objetivo na eleição de 2022, voltar à normalidade, transformou-se em decepção, pois o governo petista, se não age como um governo autoritário de esquerda, tem uma visão de capitalismo que se aproxima mais dos governos autocratas, não perdeu o hábito de interferir nas empresas, mesmo que não sejam estatais, como Petrobras e Vale, aparelha o Estado de maneira desabrida, tenta interferir nas ações do Banco Central independente, considera que o Estado é indutor do crescimento econômico e, por isso, critica as privatizações, quando não tenta desfazê-las."

O Brasil voltou! A normalidade foi restabelecida. E o que exatamente isso significa? Corrupção, patrimonialismo, clientelismo e socialismo. Mas isso não parece incomodar tanto assim nosso jornalista, que ainda afirma que o governo Lula não age como um governo autoritário de esquerda. Imagina se agisse! Afinal, "sem agir", já temos a promoção da censura a jornalistas e outras práticas nefastas típicas dos regimes idolatrados pelo PT, como Cuba e Venezuela. E, por falar nisso, Merval parece levemente preocupado com esse aspecto do governo: "A política externa brasileira, tendenciosa à esquerda e com inexplicável comportamento antiocidental, é o maior sinal de esquerdismo petista que assusta parte do eleitorado, como se fosse indicativo de uma postura futura desejada". Merval não sabe que Lula sempre foi fã de Fidel Castro? Qual é a novidade nessa postura antiocidental petista?

O Brasil voltou! A normalidade foi restabelecida. E o que exatamente isso significa? Corrupção, patrimonialismo, clientelismo e socialismo | Foto: Shutterstock

"Há também sinais de que o combate à corrupção deixou de ser prioridade, tendência que se iniciou com Bolsonaro e prossegue no terceiro mandato de Lula", lamenta Merval no ápice da cara de pau. Ora, não tivemos escândalos de corrupção no governo bolsonarista, enquanto bastou o ladrão voltar à cena do crime para a política retornar às páginas de polícia. Só um tucano sonso ficaria surpreso com isso, ou faria falsa equivalência entre Lula e Bolsonaro no quesito corrupção.

Não quero implicar com Merval Pereira, que nem é relevante mais ao debate político. Uso sua coluna para ilustrar como o típico tucano pensa. Vale para Armínio Fraga, Pedro Malan, João Amoêdo, Elena Landau etc. A esquerda "moderada", que às vezes se vende como se fosse liberal, prefere sempre um socialista corrupto bajulador de tiranos a um liberal clássico ou um conservador. E esse tucano ainda quer nos enganar depois, como se fosse tudo isso para "salvar a democracia". Diante disso tudo, cabe até perguntar: ainda existe esquerda democrata?

Edmar Bacha, Pedro Malan, Armínio Fraga e Pérsio Arida: "a esquerda 'moderada', que às vezes se vende como se fosse liberal, prefere sempre um socialista corrupto bajulador de tiranos a um liberal clássico ou um conservador " | Foto: Reprodução Redes Sociais

Feito por @bancahidden

Exclusiva com Edmar Bombacha

Guilherme Fiuza • June 28, 2024

Ilustração: Revista Oeste/IA

Eleitor do PT é um dos pais do Plano Real

— Boa noite, professor Edmar Bombacha.

— Boa noite.

— O senhor deveria se chamar Edmar Muito Bom Bacha.

— Seria uma boa ideia.

— De perto o senhor parece ainda mais inteligente.

— Pode puxar o saco à vontade que eu gosto.

— Eu li uma entrevista sua genial pra *Folha*…

— Entrevista genial, no meu caso, é redundância. Se eu dei a entrevista, por definição ela foi genial.

— Ah, obrigado pelo alerta.

— De nada. Sei que o tempo hoje em dia é escasso, então estou te ajudando a economizar. Qualquer referência a mim pode vir sem o "genial".

— Todos já sabem que o senhor é genial.

— Exatamente. Você é sagaz, garoto.

— Obrigado, professor Bombacha. Com certeza economizamos um bom tempo com o seu alerta.

— Estou aqui pra isso. Um economista tem que ajudar a economizar.

Ilustração: Revista Oeste/IA

— Genial! Nunca tinha pensado nisso. Então pra não perdermos tempo, professor Bombacha, me permita perguntar: na entrevista à *Folha* o senhor disse que o PT atrapalha o Plano Real. Mas o senhor declarou voto no PT nas últimas eleições. Seria correto dizer que o senhor também atrapalha o Plano Real?

— Não. Seria incorreto.

— Por quê?

— Porque eu sou pai do Plano Real.

— Mas um pai não pode atrapalhar um filho?

— Assuntos entre pais e filhos são questões de foro íntimo. Próxima pergunta.

— O senhor se arrepende de ter votado no PT?

— O Plano Real tem uma engenharia fabulosa.

— O senhor pretende votar de novo no PT?

— Foi emocionante criar a URV.

— Como o senhor se sente vendo o presidente que o senhor ajudou a eleger atacando o Banco Central?

— Difícil responder se prefiro dar palestra ou entrevista. Gosto dos dois.

— O senhor responde sempre assim na bucha, doa a quem doer?

— Quem tá na chuva é pra se queimar.

— Genial!

— Já falei que não precisa falar genial. Olha o tempo…

— Muito obrigado pelo seu tempo e pelos seus conselhos.

— Disponha. Querendo entrevistar alguém é só me chamar.

— Eu conversei aqui com o professor Edmar Bombacha, um dos pais do Plano Real, que completa 30 anos segunda-feira…

— Não, meu aniversário já passou.

— O de 30 anos já passou há muito tempo, né, professor? Estou falando do aniversário do Real.

— Mas que mania de ficar falando do Real. Vamos falar de mim!

— Na próxima, professor. Na próxima.

— Você gostou do penteado da minha barba?

Ilustração: Revista Oeste/IA

Sérgio Cabral: a doce vida de um condenado

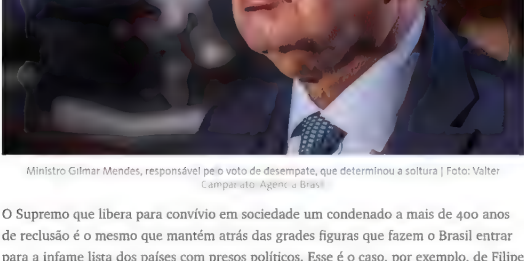
Anderson Scardoelli • June 28, 2024

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/bancahidden

Sérgio Cabral, ex governador do Rio de Janeiro | Foto: Montagem Revista Oeste, Agência Brasil/Reprodução Redes Sociais

Mesmo com condenações que somam mais de 400 anos, o ex-governador do Rio de Janeiro está livre para namorar, sambar e ensaiar a volta à política

Um casal é fotografado num restaurante localizado no terraço de um renomado hotel em Copacabana, zona sul carioca. O homem e a mulher são vistos conversando, se abraçando e se beijando. Em determinado momento, ela confere mensagens no aparelho celular, enquanto ele fuma um cigarro de palha. Registrada na noite de sexta-feira, 15 de março, a cena não seria nada demais, caso não fosse o personagem envolvido. Trata-se da vida amorosa de Sérgio Cabral, ex-governador do Rio de Janeiro. Apesar de somar mais de 400 anos de prisão em 23 diferentes ações penais, Cabral está livre para curtir um jantar romântico ao lado de sua nova namorada, a estilista Saliha Istanbuli.

Com extensa ficha criminal, Cabral se viu livre da cadeia graças ao Supremo Tribunal Federal (STF). Em dezembro de 2022, a Segunda Turma da Corte decidiu que a prisão dele deveria ser revogada. Foram 3 votos a 2 a favor do ex-governador fluminense. O voto de desempate — e que determinou a soltura — foi do ministro Gilmar Mendes.

Ministro Gilmar Mendes, responsável pelo voto de desempate, que determinou a soltura | Foto: Valter Campanato/Agência Brasil

O Supremo que libera para convívio em sociedade um condenado a mais de 400 anos de reclusão é o mesmo que mantém atrás das grades figuras que fazem o Brasil entrar para a infame lista dos países com presos políticos. Esse é o caso, por exemplo, de Filipe Martins, ex-assessor para Assuntos Internacionais de Jair Bolsonaro, e Silvinei Vasques, ex-diretor-geral da Polícia Rodoviária Federal (*leia a reportagem de capa desta edição*).

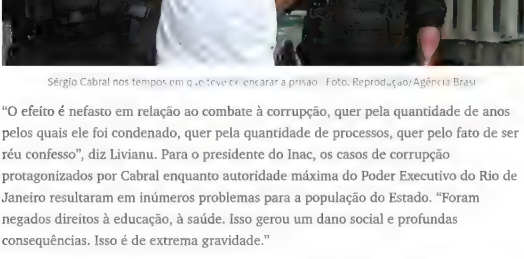
Quatro séculos de penas

Diferentemente da dupla "bolsonarista" que nem condenada foi, Cabral responde em liberdade e com direito a acumular vitórias perante à Justiça brasileira. Apesar de ser réu confesso, chegando a admitir que recebia propina desde os primeiros meses de seu governo do Rio de Janeiro, já viu, de uma vez só, o Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF-2) anular três de suas condenações no âmbito da Lava Jato. Decisão que ocorreu em março, justamente quando a operação completou dez anos de história.

Fora da cadeia por decisão do STF, Cabral foi beneficiado, em fevereiro de 2023, pelo TRF-2. Na ocasião, o tribunal resolveu revogar a prisão domiciliar. O entendimento foi unânime em favor do ex-governador. Desde então, ele pode — mesmo que com tornozeleira eletrônica – andar livremente pelas ruas, restaurantes e hotéis do país.

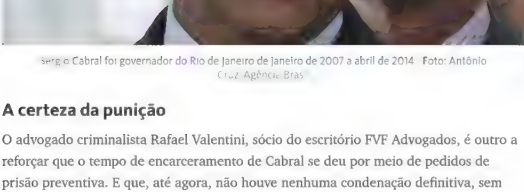
Além disso, estão prestes a prescrever outras ações que correm contra o ex-governador na Justiça Eleitoral fluminense. Mesmo com penas que passam de quatro séculos, ele permaneceu detido por apenas seis anos e um mês, de novembro de 2016 a dezembro de 2022. Situação que acaba por incentivar novos casos de corrupção no cenário da política nacional, avaliam especialistas em Direito Penal e Criminal.

Incentivo à corrupção

O procurador de Justiça Roberto Livianu é dos que avaliam que Sérgio Cabral na rua estimula corruptos e malfeitores da administração pública. Livianu é Membro do Ministério Público de São Paulo há 32 anos, doutor em Direito pela Universidade de São Paulo e presidente do Instituto Não Aceito Corrupção (Inac).

Sérgio Cabral nos tempos em que teve de encarar a prisão | Foto: Reprodução/Agência Brasil

"O efeito é nefasto em relação ao combate à corrupção, quer pela quantidade de anos pelos quais ele foi condenado, quer pela quantidade de processos, quer pelo fato de ser réu confesso", diz Livianu. Para o presidente do Inac, os casos de corrupção protagonizados por Cabral enquanto autoridade máxima do Poder Executivo do Rio de Janeiro resultaram em inúmeros problemas para a população do Estado. "Foram negados direitos à educação, à saúde. Isso gerou um dano social e profundas consequências. Isso é de extrema gravidade."

O procurador chama a atenção para o fato de Sérgio Cabral ter sido o último político envolvido em denúncias no âmbito da Lava Jato a deixar a prisão. Livianu ainda destaca que o ex-governador do Rio de Janeiro não caiu na mira da polícia somente por prática de corrupção passiva. Houve uma série de condenações por crimes como lavagem de dinheiro e associação criminosa.

O presidente do Inac alerta ainda para a necessidade de se mudar alguns pontos da legislação brasileira ou, se for o caso, o entendimento por parte do STF. Nesse sentido, avisa que o Supremo decidiu pela libertação de Cabral porque passou a imperar a tese de que não se pode prender alguém antes do trânsito em julgado. Livianu enfatiza, contudo, que a "maioria das democracias ocidentais" pune com prisão alguém com condenação no "segundo grau".

Sérgio Cabral foi governador do Rio de Janeiro de janeiro de 2007 a abril de 2014 | Foto: Antônio Cruz/Agência Brasil

A certeza da punição

O advogado criminalista Rafael Valentini, sócio do escritório FVF Advogados, é outro a reforçar que o tempo de encarceramento de Cabral se deu por meio de pedidos de prisão preventiva. E que, até agora, não houve nenhuma condenação definitiva, sem chance de recursos. Ciente da sensação de impunidade em casos como esse, Valentini entende que a legislação penal do país é completa. Mas que investimentos em estrutura e equipe poderão ajudar a dar maior agilidade aos processos — como, por exemplo, ter uma condenação definitiva a quem, em tese, já deveria estar cumprindo mais de 400 anos de reclusão.

Doutor em Direito Penal, Matheus Falivene tem visão similar a de Valentini. Para ele, o principal problema não é a falta de punição, mas a demora para aplicá-la. "Como os processos acabam sendo excessivamente demorados, há a impressão de que a impunidade impera", diz. "Em termos criminológicos, a certeza da punição é muito mais efetiva para inibir o cometimento de um crime do que a quantidade de pena."

Sambando na cara dos brasileiros

Outro fator que ajuda a fortalecer a sensação de impunidade é o estilo de vida que Cabral levava tanto antes quanto depois da prisão. Em setembro de 2009, o então governador liderou uma festança com vinho e uísque em Paris. O pretexto foi comemorar uma honraria concedida pelo governo francês. Tornado público em 2012, o caso ficou conhecido como "Farra dos Guardanapos", porque parte da comitiva decidiu dançar com os panos amarrados na cabeça. Segundo o portal Terra, a confraternização desfalcou os cofres públicos em cerca de R$ 1,5 milhão.

"Farra dos Guardanapos", quando parte da comitiva decidiu dançar com os panos amarrados na cabeça | Foto: Reprodução

Depois de se ver livre da prisão, o ex-governador vai além de namorar e fumar cigarro de palha em Copacabana. Em julho do ano passado, a escola de samba União Cruzmaltina, que é ligada à torcida uniformizada do Vasco da Gama e disputa a terceira divisão do Carnaval carioca, anunciou que o samba-enredo de 2024 seria desenvolvido para homenagear Cabral. Diante da repercussão negativa, a agremiação abortou a ideia. Mas deu tempo de o político condenado a mais de 400 anos de detenção sambar — literalmente.

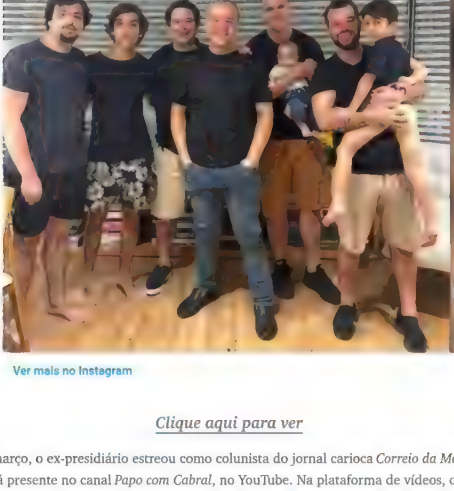
Para Livianu, a possibilidade de Sergio Cabral — ou qualquer outra pessoa com condenações por associação criminosa, corrupção passiva e lavagem de dinheiro — ser tema de samba-enredo é ultrajante para a sociedade. "É um cenário pitoresco", diz. "Cúmulo do absurdo. Imagine se a moda pega e resolvem homenagear o Marcola e o Fernandinho Beira-Mar? É o fim do mundo."

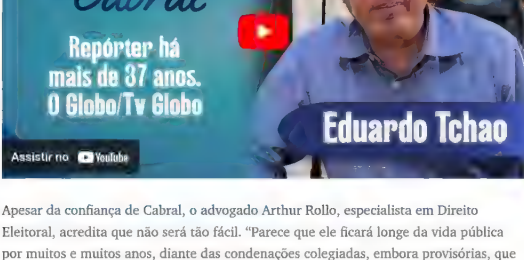
Influencer, podcaster e crítico cultural

Sem a homenagem no Carnaval prosperar, Sérgio Cabral não se abateu. Nos últimos meses, ele atua para se fortalecer nas redes sociais. Conta, por exemplo, com perfil ativo no Instagram, onde tem 40 mil seguidores e conta verificada. Na plataforma, ignora suas condenações e rotineiramente promove seus feitos durante os quase oito anos nos quais governou o Rio de Janeiro. Detalhe: com comentários limitados a quem Cabral segue, o espaço se transforma num festival de elogios ao corrupto confesso.

Formado em jornalismo, Sérgio Cabral se dedica a meios alternativos de comunicação. Virou *podcaster*. Em 13 programas disponíveis no serviço de áudio Spotify, ele faz análises sobre economia, política, assuntos internacionais e já indicou a produção *Machos Alfa*, que consta no catálogo da Netflix. Trata-se, segundo Cabral, de "boa dica para quem quer curtir uma série no final de semana".

Ativo nas redes sociais, chegou a fazer postagens em que aparece se exercitando. No dia 19 de maio, posou em pé e sorridente ao lado dos filhos para um foto publicada no Instagram. No dia seguinte, surgiu no noticiário abatido e sentado numa cadeira de rodas. Ele estava a caminho da sede fluminense da Justiça Federal para um interrogatório.

O ex-governador Sérgio Cabral compareceu de cadeira de rodas para prestar depoimento na Justiça Federal (20/5/2024) | Foto: Carlos Elias Junior/Fotoarena/Estadão Conteúdo

Clique aqui para ver

Em março, o ex-presidiário estreou como colunista do jornal carioca *Correio da Manhã*. E está presente no canal *Papo com Cabral*, no YouTube. Na plataforma de vídeos, o ex-governador se propõe a entrevistar figuras que vão de padres a artistas. Em uma das edições do projeto, recebeu Eduardo Tchao, ex-repórter da TV Globo. E ameaçou voltar a atuar ativamente na política. Sem partido desde que se desfiliou do MDB, em 2019, Sérgio Cabral ameaçou se candidatar a deputado federal em 2026.

Apesar da confiança de Cabral, o advogado Arthur Rollo, especialista em Direito Eleitoral, acredita que não será tão fácil. "Parece que ele ficará longe da vida pública por muitos e muitos anos, diante das condenações colegiadas, embora provisórias, que já recebeu", afirma Rollo. "Para conseguir ser candidato a deputado federal em 2026, Sérgio Cabral não poderá ter nenhuma condenação."

Cabral parece discordar. "A Justiça tem sido muito correta", disse em seu canal no YouTube. Correta para homens como Cabral. Enquanto livra da cadeia um condenado a mais de 400 anos, prende gente como Filipe Martins e Silvinei Vasques.

Feito por @bancahidden

As marcas da tragédia

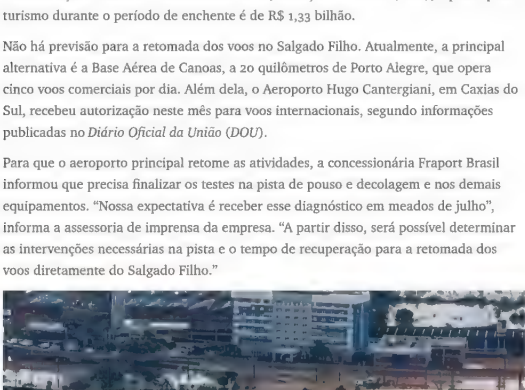
Tauany Cattan • June 28, 2024

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/bancahidden

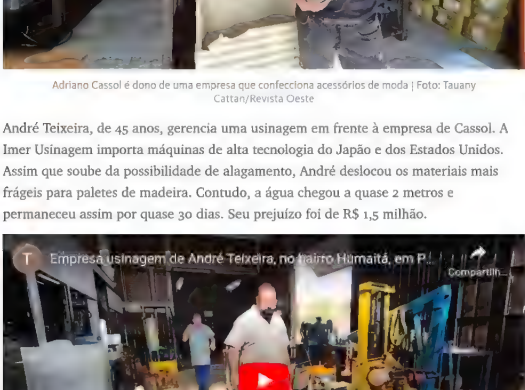
Em meio à destruição de um dos bairros do município de Cruzeiro do Sul (RS), é possível encontrar alguns objetos domésticos que caracterizam o lar dos moradores, como a estatueta no canto direito do que parece ser um santo   Foto: Tauany Cattan/Revista Oeste

Um mês depois de ver de perto as enchentes que destruíram parte do Rio Grande do Sul, a reportagem de Oeste voltou ao Estado para registrar as consequências da catástrofe

As águas baixaram, mas as enchentes que destruíram parte do Rio Grande do Sul continuam presentes nas marcas deixadas pela tragédia. Por toda Porto Alegre, é possível ver o nível que as inundações atingiram pelas manchas de barro nas paredes das casas. Nenhuma tem menos de 1 metro de altura. O trem da Estação Farrapos, localizada na principal avenida da capital gaúcha, continua parado 43 dias depois do início das chuvas.

Ao andar pelas ruas, é impossível não notar as montanhas de entulhos em frente às residências. Os objetos amontoados nas sarjetas incluem colchões, móveis, brinquedos, roupas e eletrodomésticos. Os carros, antes submersos, jazem sobre o asfalto envoltos pela lama levada pelo Rio Guaíba. Segundo a consultora automobilística Bright Consulting, estima-se entre 140 mil e 280 mil o número de veículos que ficaram inutilizados. Para repor esses carros, serão necessários pelo menos 20 meses de vendas.

A água barrenta começou a subir no fim de abril e afetou 478 dos 497 municípios do Estado. De acordo com a Defesa Civil, 177 pessoas morreram e 388 mil ficaram desalojadas. Em Porto Alegre, as inundações atingiram 46 dos 96 bairros da cidade. O Aeroporto Internacional Salgado Filho permanece interditado desde 3 de maio, com um prejuízo calculado em mais de R$ 49 milhões por dia. Segundo estimativas da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), a perda para o turismo durante o período de enchente é de R$ 1,33 bilhão.

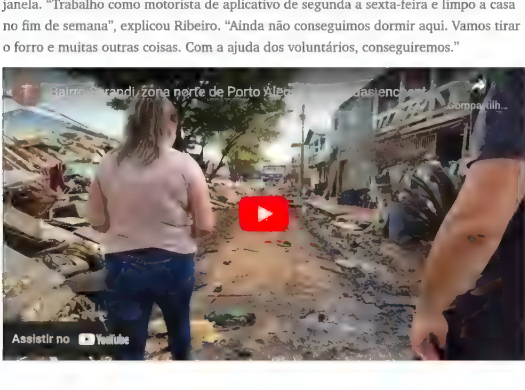
Não há previsão para a retomada dos voos no Salgado Filho. Atualmente, a principal alternativa é a Base Aérea de Canoas, a 20 quilômetros de Porto Alegre, que opera cinco voos comerciais por dia. Além dela, o Aeroporto Hugo Cantergiani, em Caxias do Sul, recebeu autorização neste mês para voos internacionais, segundo informações publicadas no *Diário Oficial da União* (*DOU*).

Para que o aeroporto principal retome as atividades, a concessionária Fraport Brasil informou que precisa finalizar os testes na pista de pouso e decolagem e nos demais equipamentos. "Nossa expectativa é receber esse diagnóstico em meados de julho", informa a assessoria de imprensa da empresa. "A partir disso, será possível determinar as intervenções necessárias na pista e o tempo de recuperação para a retomada dos voos diretamente do Salgado Filho."

Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre | Foto: Ricardo Stuckert/Presidência da República

Sarandi e Humaitá

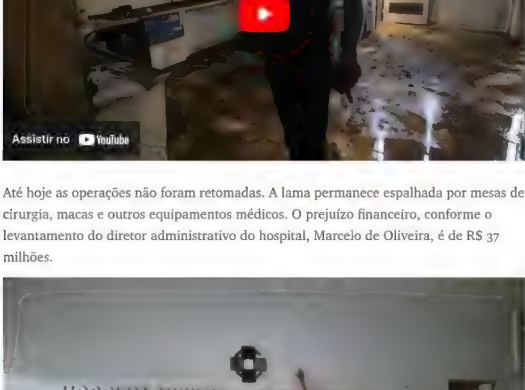
Um dos bairros mais atingidos pelas inundações foi Humaitá, na zona norte de Porto Alegre. O empresário Adriano Cassol, de 48 anos, foi um dos inúmeros moradores que sofreram perdas significativas. A água chegou a 1,7 metro dentro de sua empresa. "Ficamos 30 dias sem faturar", lamentou Cassol. "Depois que a água baixou, em 30 de maio, voltei para ver o que a enchente havia destruído. Foram móveis, computadores e estoque. Perdemos R$ 500 mil, aproximadamente."

Adriano Cassol é dono de uma empresa que confecciona acessórios de moda | Foto: Tauany Cattan/Revista Oeste

André Teixeira, de 45 anos, gerencia uma usinagem em frente à empresa de Cassol. A Imer Usinagem importa máquinas de alta tecnologia do Japão e dos Estados Unidos. Assim que soube da possibilidade de alagamento, André deslocou os materiais mais frágeis para paletes de madeira. Contudo, a água chegou a quase 2 metros e permaneceu assim por quase 30 dias. Seu prejuízo foi de R$ 1,5 milhão.

Ângela Soares, de 52 anos, mora na Vila Farrapos, também no Humaitá, há 14 anos. A água chegou ao telhado de sua casa. O local inicialmente servia como moradia temporária para famílias removidas pela prefeitura de áreas de risco, mas abriga pessoas há 20 anos, em estado precário.

Ao retornar para casa depois das enchentes, Ângela se deparou com 1 metro de lodo e lama nos cômodos. A moradora conta com a ajuda de empresários e voluntários, que levaram materiais de limpeza até sua casa. Os móveis danificados foram jogados fora, junto de outros bens. "Ficamos abalados, mas estou feliz que há muitos voluntários", disse. "Vou reconstruir tudo do zero. Não esperava tanto apoio." Ângela ainda não recebeu nenhum auxílio de nenhum governo.

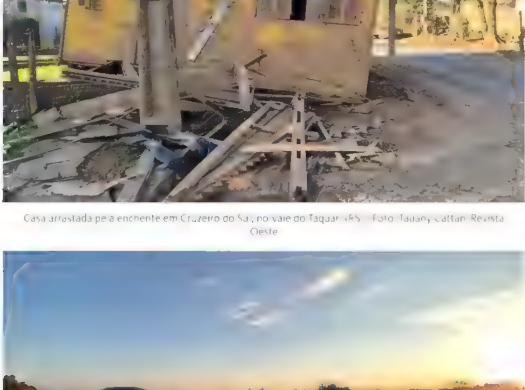
Voluntários auxiliam os moradores da Vila Farrapos com doações de móveis e produtos de limpeza, além de reforma de pisos e pintura | Foto: Tauany Cattan/Revista Oeste

O bairro Sarandi registra o maior número de pessoas e edifícios afetados: mais de 26 mil e 8 mil, respectivamente, segundo o levantamento da Prefeitura de Porto Alegre. O bombeiro civil Gabriel Ribeiro, de 28 anos, e sua mulher, Kethlyn Colombo, de 27, trabalham na limpeza da casa do casal aos fins de semana. A água chegou à altura da janela. "Trabalho como motorista de aplicativo de segunda a sexta-feira e limpo a casa no fim de semana", explicou Ribeiro. "Ainda não conseguimos dormir aqui. Vamos tirar o forro e muitas outras coisas. Com a ajuda dos voluntários, conseguiremos."

Canoas

Em Canoas, na Grande Porto Alegre, o drama se repete. Ao passar pelas ruas, os entulhos tornaram-se parte do cenário urbano. O bairro Mathias Velho, mais populoso da América Latina, foi totalmente submerso, de acordo com imagens registradas por drones.

Adão Gonçalves, de 63 anos, conta que a água chegou tão depressa que ele e a mulher tiveram de se refugiar no telhado até a chegada do resgate. Para limpar a residência, ele contou com a ajuda de amigos e familiares para conseguir retirar o lodo das paredes e dos móveis.

"A sujeira gruda e não sai", diz Gonçalves. "Preciso esfregar muitas e muitas vezes. Nem deixei a minha mulher vir aqui, porque seria chocante para ela. Eu mesmo chorei por dias." Ele disse que recebeu R$ 5,1 mil do auxílio-reconstrução pago pelo governo federal.

O Hospital Municipal de Pronto Socorro de Canoas (HPSC) também foi altamente impactado. O HPSC é referência no bairro Mathias Velho, que, sozinho, concentra 100 mil habitantes. Ali, a água chegou a quase 2 metros de altura.

Até hoje as operações não foram retomadas. A lama permanece espalhada por mesas de cirurgia, macas e outros equipamentos médicos. O prejuízo financeiro, conforme o levantamento do diretor administrativo do hospital, Marcelo de Oliveira, é de R$ 37 milhões.

A água chegou a 2 metros de altura no Hospital Municipal de Pronto Socorro de Canoas. O segurança da foto mede 1,7 metro   Foto: Tauany Cattan/Revista Oeste

Vale do Taquari

Além de Canoas e da capital gaúcha, a reportagem de **Oeste** esteve em Eldorado do Sul e São Leopoldo, na Região Metropolitana de Porto Alegre; Arroio do Ouro, no distrito do Vale Real; e Cruzeiro do Sul, Estrela, Arroio do Meio, Roca Sales, Lajeado, Bom Retiro do Sul e Muçum, que formam o Vale do Taquari.

Nas cidades do Vale do Taquari, banhadas pelo rio homônimo, alguns dos bairros simplesmente desapareceram. Os locais lembram cenários de guerra, com os tijolos e as estruturas das casas postos ao chão. Na maior parte dessas cidades, o nível da água ultrapassou o telhado das residências. A força da corrente arrastou terra, galhos, árvores inteiras, casas e objetos domésticos. A cota de inundação do Rio Taquari é de 19 metros. Em 12 de maio, chegou a 25 metros.

No Vale do Taquari, as águas baixaram depois de quatro dias. Ironicamente, embora a destruição seja maior, a proximidade com o rio também facilita a saída da água. Acostumados com inundações, os moradores saíram com antecedência. Segundo a Defesa Civil de Roca Sales, por exemplo, as mortes ali foram causadas por deslizamentos de terra.

Plantação de milho em Estrela, no Vale do Taquari, depois de 40 dias das enchentes | Foto: Tauany Cattan/Revista Oeste

Casa arrastada pela enchente em Cruzeiro do Sul, no Vale do Taquari (RS) | Foto: Tauany Cattan/Revista Oeste

Um dos bairros destruídos em Cruzeiro do Sul, no Vale do Taquari (RS) | Foto: Tauany Cattan/Revista Oeste

Notebook em meio aos destroços de uma casa, em Cruzeiro do Sul, no Vale do Taquari (RS) | Foto: Tauany Cattan/Revista Oeste

No setor agropecuário, as enchentes causaram um impacto devastador, com perdas agrícolas estimadas em aproximadamente R$ 3,1 bilhões. Os dados são da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul). A lavoura familiar de soja de Luciane Wendt, de 48 anos, por exemplo, foi completamente destruída.

Dragagem dos rios

O assoreamento dos rios é fundamental para evitar enchentes de grandes proporções. Segundo o perito ambiental Rafael Tímbola, é necessário fazer a dragagem e o desassoreamento dos cursos d'água. O processo consiste na limpeza, desobstrução, remoção e escavação de material do fundo de rios, lagos, mares, baías e canais.

O governo estadual de Santa Catarina aplicou o desassoreamento do Rio Itajaí-Açu, que já sofreu com cheias expressivas. "Aqui, o processo é feito mecanicamente", informa Tímbola. "Uma balsa carrega uma retroescavadeira pesada, que retira os sedimentos do fundo do rio e os coloca junto às margens para arrumá-las, ou em caçambas para descarte."

Ver mais no Instagram

Clique aqui para ver

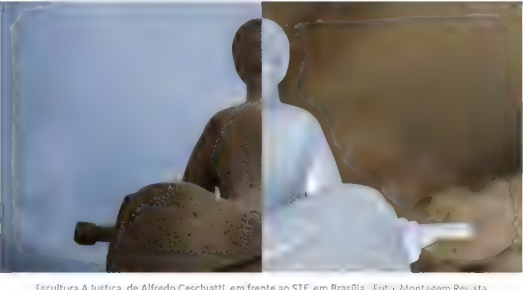
Para o jornalista Alexandre Garcia, colunista de **Oeste**, a dragagem é medida emergencial para conter as enchentes. "No meio do Guaíba, que recebe o Gravataí, o Rio dos Sinos, o Jacuí, o Caí e o Taquari, há bancos de areia", conta. "Os clubes de veleiros de Porto Alegre não conseguem mais velejar, porque a estrutura do casco esfrega no chão. O Guaíba está todo sujo."

De acordo com Garcia, é preciso identificar os responsáveis pela interrupção da dragagem. "Os ambientalistas se queixaram ao Ministério Público, e o órgão cessou o processo", disse. "A dragagem ainda aproveita a areia que fica no fundo do rio para a indústria da construção. Ou seja, é ganha-pão de muita gente."

Segundo o senador Luis Carlos Heinze (Progressistas-RS), há projetos de modernização de diques, obras e realocação de famílias parados desde 2013. "Há solução", afirma o parlamentar. "Mas muitos deixaram os projetos de lado por anos. Perto do que o Sul teve de prejuízo, o investimento necessário para concretizar essas ações é pequeno."

Feito por @bancahidden

Um país rumo a um Estado totalitário

Flávio Gordon • June 28, 2024

Escultura A Justiça, de Alfredo Ceschiatti, em frente ao STF, em Brasília | Foto: Montagem Revista Oeste/Shutterstock

Os altos magistrados da República decidiram, por exemplo, que o direito constitucional ao habeas corpus não se aplica aos bolsonaristas presos nos atos institucionais alexandrinos

Como se sabe, o direito ao *habeas corpus* é assegurado pelo inciso LXVIII do artigo 5º da Constituição Federal, no qual se lê: "Conceder-se-á *habeas-corpus* sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder". Todavia, os altos magistrados da República decidiram que ele não se aplica aos bolsonaristas presos nos atos institucionais alexandrinos. O orgulhoso comunista Flávio Dino, por exemplo, acaba de se recusar a analisar o pedido de *habeas corpus* encaminhado pela defesa do preso político Filipe Martins, apesar de sua prisão preventiva perpétua ser flagrantemente ilegal e abusiva.

Como se sabe, a censura é expressamente proibida pela Constituição Brasileira. Em 2015, fiel a esse espírito da lei, e no contexto do julgamento sobre biografias não autorizadas, a ministra Cármen Lúcia exaltou a liberdade de imprensa e de expressão, proferindo a célebre frase "cala a boca já morreu". Todavia, dali a sete anos, em meio à corrida eleitoral de 2022, a mesma ministra achou por bem abrir uma exceção "excepcionalíssima" para censurar uma produção audiovisual que poderia prejudicar um dos candidatos (coincidentemente, o de sua preferência).

Como se sabe, o monitoramento das redes sociais pelo Estado brasileiro é inconstitucional. Foi, aliás, a mesma ministra Cármen Lúcia quem o recordou em fevereiro de 2022, ao julgar ilegal o projeto da Secretaria Especial de Comunicação Social do Ministério das Comunicações do governo Bolsonaro de produzir relatórios de monitoramento de atividades de parlamentares e jornalistas nas redes sociais. Dois anos depois, o STF resolveu, ele próprio, instituir um programa de monitoramento e espionagem (pois compreende a solicitação de dados privados de usuários) do que se fala sobre a Corte nas redes sociais.

Nota-se claramente que o Judiciário brasileiro virou uma criatura bifronte, que adota critérios distintos — ora conformes, ora inconformes às leis — de acordo com conveniências políticas e a identidade do sujeito ou da coisa julgada. E esse comportamento do Judiciário é um dos sintomas primordiais que indicam a caminhada de um país rumo a um Estado totalitário. Como notaram os principais estudiosos dos totalitarismos do século 20, a dissolução da ordem jurídica atinge seu ápice com a destruição da isonomia e do caráter universalmente vinculante das leis, de modo que, se algumas pessoas são aprioristicamente excluídas da comunidade legal, devido à sua pertença a uma determinada categoria estigmatizada; se elas não são mais processadas pelo que fazem, mas pelo que são, é porque se alcançou um ponto de não retorno às relações ordenadas anteriores. Daí que, muito corretamente, a construção da figura do "inimigo objetivo" — e o bolsonarismo está à beira de ocupar esse título — seja considerada um critério fundamental para se definir um regime como totalitário.

Uma das melhores obras sobre o assunto é *O Estado Dual: Uma Contribuição à Teoria da Ditadura*, de Ernst Fraenkel. Advogado e cientista político alemão de origem judaica, Fraenkel foi um dos primeiros a tentar teorizar, desde dentro do sistema judiciário alemão, a natureza do Estado nazista. Já em 1937, sob pseudônimo, publicou o ensaio *Das Dritte Reich als Doppelstaat* ("O Terceiro Estado como Estado Dual"), onde esboçava a interpretação que seria mais tarde consagrada. No ano seguinte, fugindo do nazismo, emigrou para a Inglaterra e em seguida para os Estados Unidos, onde, em 1941, sua *magnum opus* saiu pela *Oxford University Press*.

O Estado Dual surgiu de sua experiência com o Judiciário no Terceiro Reich. Segundo Fraenkel, o sistema de governo nacional-socialista baseia-se na coexistência de duas metades, uma "normativa", que respeita as próprias leis, e outra "prerrogativa", que desrespeita essas mesmas leis em função das razões de Estado. Na segunda parte da obra, Fraenkel deriva essa dualidade da rejeição nacional-socialista ao direito natural. Seu argumento é que o nacional-socialismo rejeita o princípio universal de justiça, substituindo os valores fundados no direito natural por uma consideração restrita do propósito nacional. Ciente da estreita conexão entre o cristianismo e o direito natural, o autor conclui que o Terceiro Reich se move num caminho que retrocede do universal para o local, do monoteísmo para o *xenoteísmo*.

Livro O Estado Dual, de Ernst Fraenkel | Foto: Divulgação

A certo trecho da obra, escreve Fraenkel:

"O primeiro ato após o golpe de Estado Nacional-Socialista (ou seja, após o Decreto de 28 de fevereiro de 1933) resultou na abolição do princípio Nulla poena sine lege, *até então um princípio majoritário do direito positivo alemão. A* Lex van der Lubbe *estabeleceu a pena de morte retroativa para um crime que, no momento de sua prática, estava sujeito apenas à prisão. Com a promulgação desse ato, o Nacional-Socialismo demonstrou de forma inequívoca que não se considerava vinculado, nem em teoria nem na prática, por esse antigo princípio do Direito Natural, que, até o golpe de Estado, havia formado um componente incontestável da concepção alemã de justiça."*

Note-se que, ao contrário do que se passou em outros regimes totalitários (sobretudo com os regimes comunistas), o Reich de Hitler não conseguiu criar uma Constituição própria. Ao longo de seus 12 anos de vida, a Constituição da República, ratificada em Weimar em 1919, permaneceu sendo a Constituição alemã. No papel, a estrutura anterior das instituições do Reich permaneceu amplamente inalterada, embora os processos de criação de leis tenham sido alterados radicalmente e a distribuição de autoridade tenha mudado tão fundamentalmente a ponto de anular completamente as disposições da Constituição.

Adolf Hitler em frente à sede do Partido Nazista, em Munique (1931) | Foto: Reprodução

Deu-se assim o surgimento do "Estado dual". Tratava-se de um modelo de ditadura distinto do sistema soviético. O Partido Nacional-Socialista nunca produziu, por exemplo, um comitê central ou um *bureau* político, embora tenha vindo a desempenhar um papel cada vez mais decisivo na concepção das políticas e, à medida que a ditadura avançava, na subversão da autoridade estatal. O "Estado dual" representava a divisão entre a estrutura constitucional preexistente e um sistema de poderes administrativos e executivos *extraordinários*, que operavam fora ou em contradição com as normas estabelecidas.

> *A liberação revolucionária do poder político, sua libertação em relação às normas legais e morais tradicionais, perverte-o em pura tirania e arbítrio.*

Temos aí o resquício da mentalidade totalitária do século 20, segundo a qual a política foi inteiramente militarizada — ou concebida, à moda de Carl Schmitt, como a disputa crua entre amigos e inimigos. A consequência desse primeiro passo é a militarização do próprio Direito, pela qual a lógica amigo-inimigo passa a prevalecer também *no interior do Estado*. Sendo toda disputa política levada à lógica do tudo ou nada existencial ("salvar a democracia", "impedir o golpe" etc.), o poder já não repousa sobre o fundamento da lei, como na tradição liberal-burguesa vigente até a Primeira Guerra, mas na ponta da baioneta.

É justamente essa amplificação, intensificação e vitalização do político que distinguem os totalitarismos modernos do Estado constitucional característico do século 19, com sua distribuição de poderes. A liberação revolucionária do poder político, sua libertação em relação às normas legais e morais tradicionais, perverte-o em pura tirania e arbítrio. Eis por que, se estivesse vivo hoje, possivelmente Fraenkel veria no Estado brasileiro contemporâneo as raízes do modelo dual por ele descrito.

Milionários em fuga do Brasil

Carlo Cauti • June 28, 2024

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/bancahidden

Foto: Montagem Revista Oeste/Midjourney

Entre 2013 e 2023, o Brasil foi o segundo país do mundo que mais perdeu donos de grandes patrimônios

Os milionários (em dólares) brasileiros continuam saindo do país. Segundo um estudo da consultoria especializada Henley & Partners, cerca de 800 brasileiros com um patrimônio de ao menos US$ 1 milhão vão deixar o país neste ano.

Um número que equivale a cerca de 1% do total dos milionários brasileiros, que somam cerca de 82 mil pessoas. Desses, 210 têm um patrimônio de ao menos de US$ 100 milhões e 25 são bilionários.

Ranking para não comemorar

O Brasil é o sexto país do mundo que registra o maior êxodo de milionários, ficando atrás apenas de China, Reino Unido, Índia, Coreia do Sul e Rússia. Entre 2013 e 2023, o Brasil foi o segundo país do mundo que mais perdeu milionários.

Os destinos favoritos deles são Estados Unidos e Portugal.

Desde 2022, ano da vitória eleitoral de Lula, mais de 10 mil milionários brasileiros entregaram a declaração de saída definitiva para a Receita Federal.

O Brasil é o sexto país do mundo que registra o maior êxodo de milionários | Foto: Shutterstock

Medo do futuro determina a fuga

Segundo o diretor-presidente de um *family office* de São Paulo voltado para auxiliar milionários que queiram sair do Brasil, há um aumento de interesse para transferir pelo menos o patrimônio para fora do território nacional. (Family office são escritórios especializados em gerenciar o patrimônio de famílias ricas, auxiliando-as em como e onde investir)

"A razão mais comum que leva brasileiros a enviar seus recursos para o exterior é o medo do futuro econômico do país", disse o gestor. "Seguido por temor pela própria segurança, aumento dos impostos e desvalorização cambial. Um combo que estamos vivenciando nestes meses."

Segundo esse diretor, o câmbio está se tornando o estopim mais imediato. "O dólar não vai voltar nunca mais ao nível pré-pandemia", disse. "Esquecemos isso. O patamar-base para o câmbio do dólar é R$ 5,50. No ano que vem será R$ 6 e alguma coisa. E depois R$ 7. E assim por diante. Então quem pode está dolarizando seu patrimônio para evitar pelo menos esse risco".

Os dados corroboram essa percepção, com o fluxo financeiro registrando recordes negativos nos primeiros cinco meses do ano. Segundo dados do Banco Central do Brasil (BC), mais de US$ 28 bilhões já saíram do país entre janeiro e maio de 2024.

A razão mais comum que leva brasileiros a enviar seus recursos ao exterior é o medo do futuro econômico do país , Ilustração: Shutterstock

***

Operação Desinformação

Segundo fontes do mercado financeiro, os boatos que circularam na Faria Lima na semana passada sobre uma possível nomeação de Guido Mantega, André Lara Resende, Luiz Awazu ou Aloizio Mercadante para o comando do Banco Central (BC) teriam sido plantados pelo próprio governo Lula.

"Foi uma grande manobra de desinformação e manipulação", disse uma fonte da coluna. "Quiseram assustar o mercado com dois nomes intragáveis para deixar o de Gabriel Galípolo mais palatável."

Segundo um gestor de fundos de investimento, depois do susto, o mercado começou a raciocinar. E percebeu que a oposição aos nomes indicados seria tamanha que, mesmo se o presidente quisesse, eles não se sustentariam.

***

Nego, porém penso nisso

Gabriel Galípolo, atualmente diretor de política monetária do Banco Central, é considerado o sucessor natural de Roberto Campos Neto no comando da instituição.

Lula se reuniu com Galípolo na última terça-feira, 25, no Palácio do Planalto, para discutir a mudança da meta de inflação. O encontro, que contou com a presença do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, foi considerado pelo mercado como um sinal claro do futuro comando do BC.

O protocolo previa a presença de Campos Neto na reunião com o presidente da República. Mas, por causa dos repetidos ataques públicos que Lula fez ao economista, acusado de ser "bolsonarista", o representante do BC foi Galípolo.

Poucas horas depois da reunião, Lula declarou que Galípolo é um "companheiro altamente preparado", um "menino de ouro" e que "tem todas as condições para ser o presidente do BC". Mas o presidente garantiu: "Nunca falei com ele sobre isso".

***

Juros vão cair na marra

A previsão dos investidores ouvidos pela coluna é que em 2025 os juros caiam para um patamar muito inferior ao atual. "Podem cair gradualmente ou de forma galopante", explica o gestor de outro *family office*. "Acredito que será a segunda hipótese, considerando as pressões que vêm do Planalto".

Independentemente do nome que Lula escolherá, o mercado está se preparando para um "Tombini 2". Ou seja, juros cortados na marra sem pensar nos efeitos inflacionários ou sobre o câmbio. "Já vimos esse filme no governo Dilma. E, pelo que vimos até agora com Lula, não deverá ser diferente", disse o gestor.

A previsão dos investidores é que em 2025 os juros caiam para um patamar muito inferior ao atual | Foto Shutterstock

***

Dólar já queimou a largada

O câmbio já está antecipando essa mudança na gestão da política monetária brasileira, disparando para R$ 5,54, o maior nível desde 2021, em plena pandemia de covid-19. Mas as declarações de Lula ao longo da semana pioraram essa tendência de alta.

Em entrevista concedida na última quarta-feira, 26, Lula demonstrou resistência a realizar cortes de gastos, dizendo preferir um ajuste fiscal por meio do aumento de impostos. Uma escolha criticada pelos economistas e pelo mercado financeiro.

"O mercado precisa de confiança. E, quando o presidente solta uma declaração como essa, a confiança vai embora", disse um gestor da Faria Lima. "Mesmo que os dados macroeconômicos do Brasil não sejam tão ruins assim".

Lula disse que a dívida pública brasileira é baixa em comparação com a de outros países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). "Dívida do Brasil não é dívida, é troco, de tão pequena que é se comparada à de outros países", declarou Lula em outro evento na última quinta-feira.

Todavia, o Brasil é o país emergente com a segunda maior dívida pública do mundo, abaixo do Egito. O que espanta os investidores internacionais. Os quais, não por acaso, nos últimos leilões estão demandando taxas maiores para comprar títulos da dívida pública brasileira.

***

Menos, Ibovespa

Mais um banco internacional cortou as suas previsões sobre como o Ibovespa terminará o ano. Segundo o J.P. Morgan, o principal índice da Bolsa de Valores de São Paulo (B3) deverá encerrar 2024 em 135 mil pontos, ante 142 mil pontos previstos anteriormente.

Nas últimas semanas, outros grandes bancos, brasileiros e internacionais, também tinham revisado para baixo suas projeções para o Ibovespa.

No começo de junho, o Banco Safra cortou de 152,5 mil para 145 mil pontos. No final de maio, tinha sido o Santander, que passou de 160 mil para 145 mil. Mas já no final de 2023 o Goldman Sachs tinha sido ainda mais drástico, prevendo que o principal índice da Bolsa brasileira encerrará o ano em patamar inferior ao que fechou em 2023, passando de aproximadamente 132 pontos para 122 mil pontos.

Segundo o J.P. Morgan, o principal índice da Bolsa de Valores de São Paulo (B3) deverá encerrar 2024 em 135 mil pontos, ante 142 mil pontos previstos anteriormente | Foto: Shutterstock

***

Sabesp menos disputada

A disputa para controlar a Sabesp ficou menos concorrida. A gigante do saneamento Aegea desistiu de apresentar proposta. A Equatorial deverá se tornar a grande vencedora do leilão, previsto para esta sexta-feira, 28.

Segundo fontes ligadas à operação, a empresa teria ficado insatisfeita com a cláusula que impede o maior investidor de aumentar sua participação na Sabesp, a chamada "*poison pill*", ou "pílula de veneno", em português.

O modelo de leilão foi desenhado pelo governo do Estado de São Paulo para evitar que a Sabesp seja controlada por apenas uma empresa.

A mesma cláusula deixou de fora outro potencial interessado: o empresário Nelson Tanure. Até algumas semanas atrás, havia rumores de que o acionista da Light, Oi e Gafisa pudesse entrar no certame, apoiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Entretanto, ele decidiu se retirar por considerar o negócio demasiadamente arriscado.

Feito por @bancahidden

Celulares com QI

Dagomir Marquezi e Tauany Cattan • June 28, 2024

Ilustração: Revista Oeste/IA

Já chegou a nova geração de smartphones movidos a inteligência artificial

Até o momento, nosso celular estava capacitado para usar os aplicativos de inteligência artificial. Agora, porém, a IA vai ser a própria alma do smartphone. Estamos iniciando a era da "IA nativa". É um grande salto, e estamos apenas no seu início.

O Google já anunciou a novidade em seus modelos Pixel. O Gemini já funciona como o aplicativo de inteligência artificial de computadores. Uma nova versão do Gemini, chamada Nano, vai ser o "motor" dos novos smartphones (por enquanto, só nos modelos Google Pixel).

O Nano poderá (caso você dê autorização) ouvir suas chamadas telefônicas e detectar sinais de fraude. Outro instrumento inovador é o Circle to Search ("Circule para Procurar"). Você ativa a câmera e a direciona para a placa de uma rua. Com o dedo, faz um círculo em torno da placa e recebe todas as informações disponíveis sobre aquela rua. Ou faz o círculo numa pessoa, ou numa fórmula matemática, e assim por diante.

Google lança o Gemini Nano | Foto: Divulgação

Qual vai ser o tamanho desse salto? Será apenas um luxo para *nerds* ricos? A revista de tecnologia *Wired* lembrou que, em 2017, os processadores capazes de rodar programas de inteligência artificial estavam presentes em apenas 3% dos smartphones. Em 2020, essa porcentagem havia passado de 33%. Em outras palavras, dos 3 bilhões de smartphones espalhados pelo mundo, 1 bilhão já têm processadores capazes de fazer funcionar um celular com inteligência artificial.

Conclusão: todo mundo vai ter um celular inteligente, mais cedo ou mais tarde. Recursos de IA permitem os cálculos ultrarrápidos de processadores para que a foto saia sem tremer, com foco e balanço de luz e cores. Permitem também que você faça mudanças depois que a foto foi tirada, como excluir alguém do quadro ou mudar o foco.

A IA age também em teleconferências e comunicações por vídeo, fazendo com que a voz do usuário se torne mais clara e os ruídos incidentais — um latido, o trânsito, uma reforma do vizinho — sejam automaticamente bloqueados nas transmissões. O que torna o processo do *homework* mais profissional.

A queda da torre de Babel

Com essa nova geração de celulares, termina de vez a barreira da linguagem. Você vai poder falar em português com, por exemplo, um alemão. E vai escutar o alemão falando em português. Funciona assim: a sua voz em português é transcrita para um texto. Esse texto é traduzido e transformado na voz que vai falar em alemão do outro lado. Tudo isso ocorre tão rápido que é praticamente simultâneo. O recurso já foi comparado com o Tradutor Universal criado na década de 1960 para a série *Star Trek*.

Um dos recursos do Gemini Nano é o Call Screen. Você recebe uma ligação por voz de uma pessoa. O próprio celular atende e pergunta o que a pessoa deseja. Essa mensagem é resumida para você por texto. Então você escolhe se vai atender na hora, se vai responder mais tarde — ou se nem mesmo vai responder.

Pixel 8 terá direito ao Gemini Nano IA | Foto: Divulgação

Mais evolução = mais riscos

Essa evolução vai ter um preço. Para que faça esses "milagres" no seu smartphone, a inteligência artificial vai precisar saber mais sobre você: seus desejos, suas necessidades, seus hábitos.

Um celular tem maior capacidade de capturar nossas informações do que um *desktop*. Ele nos acompanha, registra nossos deslocamentos, sabe em que lojas e restaurantes entramos, registra nossas fotos, grava nossos vídeos.

"O maior risco potencial de segurança com essa mudança", escreveu Brian X. Chen no *New York Times*, "decorre de uma mudança sutil que acontece na forma como nossos novos dispositivos funcionam, dizem os especialistas. Porque a IA pode automatizar ações complexas, como remover objetos indesejados de uma foto, e às vezes requer mais poder computacional do que nossos telefones podem suportar. Isso significa que mais dados pessoais podem ter que sair de nossos telefones para serem tratados em outro lugar".

Esse "outro lugar" é uma ou várias das nuvens de dados usadas hoje, como Google e Microsoft. Ainda segundo Brian X. Chen, "assim que as informações chegam à nuvem, elas podem ser vistas por outras pessoas, incluindo funcionários da empresa, malfeitores e agências governamentais. E, embora alguns dos nossos dados tenham sempre sido armazenados na nuvem, os nossos dados mais profundamente pessoais e íntimos que antes estavam apenas à nossa vista — fotos, mensagens e e-mails — agora podem ser conectados e analisados por uma empresa nos seus servidores".

Paranoia do colunista do *NYT*? Provavelmente. Toda grande novidade é acompanhada pelo medo. De qualquer jeito, todas as principais empresas prometem medidas inéditas e reforçadas de vigilância e proteção da privacidade. E não podemos esquecer que muitas das falhas de segurança de computadores e celulares são causadas por usuários que usam senhas como "1234". Nós, humanos, também precisamos fazer nossa parte nessa defesa.

A maçã chega tarde

Quem está bem atrasada nessa área é a Apple, que agora promete compensar o tempo perdido com um sistema chamado Apple Intelligence, a ser lançado nos próximos meses.

Segundo a Apple, a assistente virtual Siri vai ter um comportamento muito mais natural nos novos celulares à base de IA. Hoje, você tem que fazer um pedido de cada vez:

"Como está a temperatura em Maceió?" — a Siri responde.

"Agende uma reunião com minha equipe em Maceió às 15h30" — a Siri agenda.

Com a nova fase da IA, o usuário vai poder ter um diálogo mais natural. Exemplo:

"Como está a temperatura em Recife? Quer dizer, em Maceió? Aproveite e agende uma reunião com nossa equipe lá às 15h30."

A resposta provavelmente vai ser: "A temperatura em Maceió neste instante é de 26 graus, e a reunião na cidade está agendada".

O novo sistema operacional à base de IA só vai funcionar por enquanto em aparelhos de última geração, como o iPhone 15 Pro — com preço ao redor de R$ 9 mil.

Um dos primeiros anúncios da Apple nessa área foi a capacidade de criar infinitos *emojis*. Parece uma medida fútil, mas tem vital importância na comunicação das novas gerações. A Apple promete também uma organização mais interativa das fotos tiradas. Outro avanço é o *satellite messaging* — a capacidade de se comunicar via satélite (como o Starlink) quando não há rede de celular ou wi-fi disponíveis.

Satélite da Starlink, empresa de Elon Musk | Foto: Mike Mareen/Shutterstock

A Apple garante que todos os dados processados por IA não serão guardados ou acessíveis à Apple. Um bom exemplo para todos os concorrentes.

Celulares à base de inteligência artificial prometem uma relação ainda mais produtiva e divertida com os usuários num futuro muito próximo. Futuro? Não. Tauany Cattan, repórter de **Oeste**, já está usando seu "smarterphone" — um celular muito mais esperto que os nossos. Confira.

***

A independência necessária a uma repórter

— *por Tauany Cattan*

Smartphone Samsung modelo Galaxy S24 | Foto: Divulgação

Sempre fui usuária da marca Samsung para celulares. Minha única experiência com a Apple foi insuficiente, apesar de reconhecer a força da simplicidade da maçã.

Depois de passar seis anos com uma linha mais intermediária da marca coreana, foi a vez de investir em um modelo mais avançado. O trabalho como jornalista pedia algo mais autônomo. A Samsung anunciou o lançamento de seu mais novo smartphone da linha S, o Galaxy S24. Com um design mais completo, o aparelho aperfeiçoou as lentes das câmeras e possibilita até filmagem em 8K, entre outras atualizações.

A que mais ganhou destaque foi a inteligência artificial nativa no aparelho. A IA do Galaxy possui a autonomia de que eu preciso para me virar como repórter e redatora. Seu poder de transcrição me ajuda a resumir em tópicos qualquer áudio de entrevista gravado.

Em relação ao material fotográfico, consigo, com apenas um clique, editar objetos e retirar detalhes que poderiam atrapalhar a minha foto. Uma de minhas funções favoritas é a tradução de conversas no WhatsApp e em ligações telefônicas. A IA traduz, em tempo real, as falas e mensagens trocadas com pessoas que falam outra língua.

Além disso, ao circular algum objeto em uma foto, a IA pesquisa automaticamente aquilo que circulei, seja para saber o significado, seja para procurar outros semelhantes diretamente no Google.

Para reportagens de campo, a qualidade da câmera e a autonomia da IA me deram a independência necessária. Transcrição de entrevistas, tradução de falas, edição de fotos. Tudo isso ficou muito mais fácil com poucos e rápidos cliques.

@dagomir

dagomirmarquezi.com

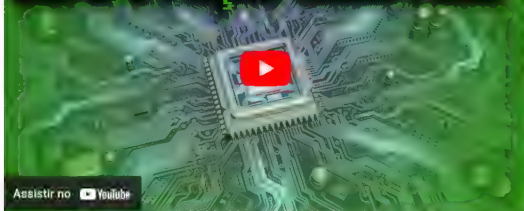
‘A computação quântica pode revolucionar a guerra contra o crime organizado’

Eugenio Goussinsky • June 28, 2024

Ilustração de um computador quântico. Foto: Bartlomiej K. Wroblewski/Shutterstock

Especialista no assunto, Moshik Cohen explica que, nos próximos anos, o combate ao narcotráfico e ao terrorismo deverá ganhar um poderoso aliado

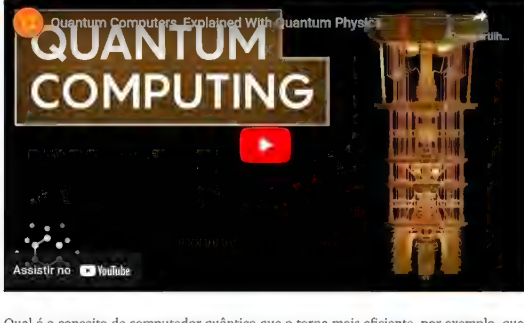
Na corrida para o avanço tecnológico, a computação quântica começa a ganhar destaque. Ela abre um universo de alternativas. Com sua atuação, diversos setores da sociedade deverão passar por profundas transformações.

O rastreamento de operações financeiras, por exemplo, poderá se tornar bem mais veloz e preciso. E pode culminar em um sistema integrado mundial, o Quantum Financial System (QFS) — uma ideia que, embora ainda não implementada, torna-se cada vez mais possível. Com ele, o combate ao narcotráfico, terrorismo e crime organizado ganhará um poderoso aliado.

O tamanho de um computador quântico é menor do que o de um computador convencional. Tudo pode ser processado em pequenos aparelhos. As informações são armazenadas em sistemas quânticos submicroscópicos, por meio de elementos como o campo magnético dos elétrons, os níveis de energia dos átomos ou a polarização de fótons.

O alcance e a velocidade desses processadores, baseados nos *qubits* (*bits* quânticos), podem ser até 100 milhões de vezes maiores que os dos convencionais, baseados nos *bits*. Os *bits* não conseguem combinar os códigos 1 e 0 ao mesmo tempo, por isso são binários. Já os *qubits* têm essa capacidade de processar tudo ao mesmo tempo, o que amplia suas possibilidades de forma exponencial.

O israelense Moshik Cohen, de 43 anos, Ph.D. em computação quântica pela Universidade Ben-Gurion, é um dos que desenvolvem projetos quânticos em áreas como aeroespacial, automotiva, de defesa, inteligência artificial (IA) e semicondutores. Proprietário da Wisense Technologies, Cohen conta de que maneira a computação quântica poderá nos próximos anos dar mais poder a governos e empresas. Confira os principais trechos da entrevista.

Por que o potencial de um computador quântico é muito maior que o dos modelos convencionais do sistema financeiro?

Os computadores quânticos têm o potencial de revolucionar o sistema financeiro, porque podem resolver problemas complexos que estão fora do alcance dos computadores clássicos. Por exemplo, eles podem facilitar estratégias de negociação, detectar fraudes, tornar transações mais precisas e instantâneas e gerenciar riscos de maneira muito mais rápida e eficiente. Isso ocorre porque eles usam *qubits*, que conseguem processar uma grande quantidade de informações simultaneamente — ao contrário dos *bits* clássicos, que são limitados à combinação dos sinais 0 e 1.

Qual é o conceito de computador quântico que o torna mais eficiente, por exemplo, que o sistema Swift (sistema internacional de troca de informações e transferências)?

O sistema Swift, utilizado para transações bancárias internacionais, baseia-se em métodos de computação clássicos. Os computadores quânticos, entretanto, aproveitam os princípios de superposição e emaranhamento. A superposição permite que *qubits* estejam em vários estados ao mesmo tempo, e o emaranhamento permite que *qubits* sejam correlacionados de imediato. Essas propriedades permitem que os computadores quânticos processem transações e dados complexos com muito mais eficiência do que sistemas clássicos como o Swift, o que reduz muito o tempo e os custos das transações.

De que maneira sistemas quânticos podem ser utilizados no combate ao crime organizado, ao narcotráfico e ao terrorismo?

Para esses casos, há a computação quântica (CQ), nos computadores, e o sensoriamento quântico (QS), feito por sensores com capacidade de detectar imagens de forma muito precisa, por meio das moléculas e átomos. O CQ só pode ajudar se houver dados para processar, enquanto o QS pode adquirir os dados. Assim, para os casos em que existem dados, checagem de listas, mapas, o CQ pode revolucionar a guerra contra o crime. Em casos nos quais é preciso obter informações e imagens em tempo real para operações de missão crítica, como armas e explosivos escondidos, túneis terroristas, inimigos ocultos, o QS é a solução.

Como isso pode ser feito?

A polícia e as autoridades de segurança nacional recolhem informações digitais sobre todos nós, especificamente sobre criminosos. Para obter decisões de missão crítica em tempo real, como impedir que criminosos planejem atentados suicidas ou escavações clandestinas, é preciso pesquisar nesse enorme banco de dados rapidamente. É necessário fazer pesquisas inteligentes e garimpar os dados. Esses recursos podem ser habilitados apenas pelo QC. Já os sensores do QS podem ver uma arma escondida sob sua jaqueta a 200 metros de distância.

Como você vê a possibilidade de o Sistema Financeiro Quântico (QFS) ser implementado?

A implementação do Sistema Financeiro Quântico (QFS) provavelmente será um processo gradual, que exigirá avanços significativos na tecnologia e na infraestrutura quânticas. As instituições financeiras terão de investir em tecnologia quântica e será necessária uma colaboração em escala global para estabelecer padrões e protocolos. Os aspectos jurídicos e de segurança serão críticos, uma vez que será necessário desenvolver novos regulamentos para reger a utilização da tecnologia quântica nas finanças e garantir a proteção dos dados. A transição envolveria fases de integração das tecnologias quânticas existentes nos sistemas antes que um QFS em grande escala pudesse ser realizado.

Quanto tempo isso deve levar?

A implementação de um QFS envolveria várias etapas: pesquisa e desenvolvimento; evolução do *hardware* e do *software*, com criação de *hardware* quântico confiável e desenvolvimento de *software* compatível; projetos que testem soluções quânticas em ambientes controlados dentro de instituições financeiras; integração gradual de tecnologias quânticas nos sistemas financeiros existentes; regulamentação e normalização. Esse processo pode levar uma década ou mais, dependendo do ritmo dos avanços tecnológicos, dos desenvolvimentos regulamentares e da adoção pela indústria.

LIFT Talks - Computação Quântica no Mercado Fi

LIFT talks

Computação Quântica no Mercado Financeiro

Assistir no YouTube

O que torna o computador quântico mais seguro em relação à criptografia? E o que o torna mais perigoso, justamente por ter potencial para rastrear informações?

A computação quântica pode aprimorar os métodos de criptografia criando códigos virtualmente inquebráveis. Isso tornaria a transmissão de dados incrivelmente segura. No entanto, o mesmo poder que torna os computadores quânticos bons para criptografia também os torna uma ameaça aos padrões atuais de criptografia. Os computadores quânticos podem potencialmente quebrar os métodos tradicionais de criptografia usados hoje, tornando as informações confidenciais vulneráveis se novas técnicas de criptografia não forem desenvolvidas e implementadas.

Quais obstáculos devem ser superados para o bom funcionamento de um computador quântico?

Os principais obstáculos incluem a diminuição cada vez maior das taxas de erro. Há também a necessidade da manutenção do estado quântico dos *qubits* por períodos mais longos. Outro obstáculo é a escalabilidade: precisamos construir sistemas quânticos maiores que possam realizar tarefas práticas. Por fim, temos de lidar com o isolamento ambiental, protegendo sistemas quânticos de perturbações externas.

> *“A computação quântica é usada principalmente por grandes empresas de tecnologia, instituições de pesquisa e governos. Empresas como Google, IBM e Microsoft estão liderando o processo”*

Qual é a relação entre a computação quântica e a inteligência artificial?

A computação quântica e a IA são dois campos de ponta que podem melhorar um ao outro. Os computadores quânticos podem processar grandes quantidades de dados e realizar cálculos complexos com muito mais rapidez do que os computadores tradicionais, fazendo com que os sistemas de IA aprendam e tomem decisões com mais eficiência. A inteligência artificial pode ser usada para projetar computadores quânticos melhores, ao otimizar circuitos quânticos, prever e corrigir erros e simular sistemas quânticos para melhorar o *design* e o desempenho do *hardware*.

Quais perigos da computação quântica impedem os governos e instituições em geral de falar mais abertamente sobre esse tema?

A computação quântica é um campo altamente especializado, com conceitos complexos que podem ser difíceis de ser compreendidos pelo público em geral. Além disso, todas as implicações da computação quântica ainda são investigadas, o que leva a uma comunicação cautelosa por parte de governos e instituições.

Quem utiliza a computação quântica hoje?

A computação quântica é usada principalmente por grandes empresas de tecnologia, instituições de pesquisa e governos. Empresas como Google, IBM e Microsoft estão liderando o processo, enquanto instituições acadêmicas conduzem pesquisas significativas.

Quais governos a utilizam?

Vários governos também investem na investigação quântica para a segurança nacional e a liderança tecnológica. Os Estados Unidos, a China e os membros da União Europeia têm programas quânticos significativos. Por exemplo, o governo dos EUA tem iniciativas como a Lei da Iniciativa Quântica Nacional, e a China investe fortemente em tecnologia quântica como parte da sua estratégia nacional. Singapura anunciou sua Estratégia Nacional Quantum (NQS) para se posicionar como um centro líder em tecnologia quântica nos próximos cinco anos. Israel também utiliza a computação quântica, especialmente para defesa e segurança cibernética. O governo israelense e várias agências de defesa investem em investigação quântica para melhorar as medidas de segurança nacional e desenvolver capacidades avançadas de defesa cibernética.

Sua empresa já tem algum governo que se tornou cliente para combater o crime? Os governos já combatem o crime dessa maneira? Isso poderá ser um golpe fatal para o crime organizado?

Sim, sim e sim.

Poderia revelar qual governo já a usa nesse sentido?

Isso certamente é um segredo.

‘Falsificações baratas’? Os defensores de Biden estão ficando desesperados

Tom Slater, da Spiked • June 28, 2024

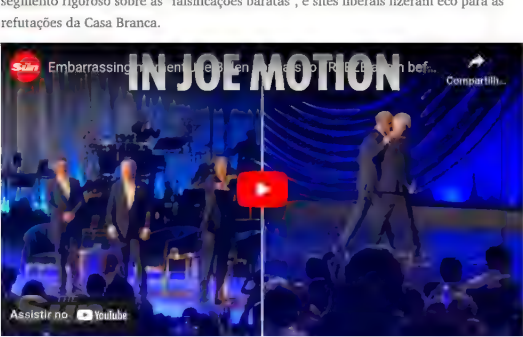
Entre em nosso canal no Telegram: t.me/bancahidden

Joe Biden, presidente dos EUA, embarca no Força Aérea Um, na Base Aérea de Dover, em Delaware | Foto: Amanda Andrade-Rhoades/Reuters

Parte da mídia está se esforçando para silenciar as preocupações sobre a saúde do presidente americano

Você acha que Joe Biden pode estar um pouco… gagá? Você está preocupado que o líder do mundo livre pareça distraído durante eventos públicos, confundindo o nome dos políticos e dizendo coisas explosivas por acidente — apenas para serem contraditas por seus cuidadores (desculpe, assessores)? Então, lamento informar que você — você, pobre alma desinformada — foi enganado por “falsificações baratas” da direita.

Esse é o novo termo que a Casa Branca está usando para descartar vídeos supostamente editados de Joe Biden, de 81 anos, que já é o presidente mais velho da história dos Estados Unidos, ao que parece, entregando a idade em uma série de eventos públicos. Nas últimas semanas, viralizou uma série de clipes que mostram Biden parecendo estar “paralisado”. Em um deles, ele está numa celebração de Juneteenth (19 de junho), parecendo um *display* de papelão de si mesmo enquanto as pessoas dançavam ao seu lado. Em outro, está na cúpula do G7 na Itália, indo na direção errada durante uma foto oficial com líderes mundiais. E, num terceiro, está em um evento beneficente em Hollywood sendo gentilmente conduzido para fora do palco por Barack Obama.

A secretária de imprensa da Casa Branca, Karine Jean-Pierre, criticou os clipes no início desta semana, chamando-os de desinformação partidária. “São falsificações baratas”, disse, “e são feitas de má-fé”. A resposta dela, e a dos “verificadores de fatos”, é que tuiteiros e jornalistas conservadores fizeram esses incidentes parecerem muito piores do que realmente foram, editando ou cortando partes importantes. “Os críticos de direita do presidente têm um problema de credibilidade porque… os verificadores de fatos os pegaram repetidas vezes divulgando desinformação e *fake news*”, afirmou Jean-Pierre. Ela até usou a expressão “*deepfakes*” em um dado momento, sugerindo falsamente que os clipes poderiam ser completas fabricações digitais. (Com mais do que um pouco de ironia, mais adiante, Jean-Pierre teve que esclarecer seus comentários falsos.) A mídia de inclinação esquerdista também saiu em defesa de Biden; e a CBS News exibiu um segmento rigoroso sobre as “falsificações baratas”, e sites liberais fizeram eco para as refutações da Casa Branca.

Nas redes sociais, naturalmente, perfis liberais e conservadores têm analisado esses vídeos como se fossem pequenos filmes de Zapruder, discutindo e se acusando mutuamente de deturpar o comportamento de Biden. Que o debate político tenha sido reduzido a isso é, francamente, um pouco deprimente. Só para constar, o clipe viral do G7 definitivamente cortou de maneira enganosa um paraquedista, na direção de quem Biden estava andando para dar um sinal de positivo, fazendo parecer que ele estava apenas vagando sem rumo. Mas, correndo o risco de ser rotulado de trompista radical, ouso dizer que Biden não parece exatamente vigoroso em nenhum desses vídeos, seja qual for a forma como são editados. Claro, talvez ele estivesse apenas recebendo os aplausos no palco em Hollywood, como seus defensores sugeriram, mas em seguida foi conduzido para fora do palco por seu antigo chefe. Ok, ele pode não ter querido dançar no Juneteenth, que é a explicação de seus assessores para aquele momento de “paralisia”, mas na sequência ele fez seu discurso falando de maneira arrastada.

Joe Biden, presidente dos EUA | Foto: Reprodução/Twitter/X/@peterdaou

Claro, o grande problema para a Casa Branca é que, mesmo que esses vídeos específicos em que Biden aparenta estar tendo momentos de senilidade não sejam o que parecem, há muitos outros por aí. O momento em que ele foi visto tirando uma boa soneca na cúpula climática de Glasgow ficou famoso. Mais recentemente, Biden confundiu os nomes de políticos vivos com seus homólogos falecidos há muito tempo, confundindo Emmanuel Macron com François Mitterrand e Angela Merkel com Helmut Kohl (que morreram em 1996 e 2017, respectivamente). Para um homem que tanto quer minimizar sua idade avançada, Biden parece passar muito tempo se comunicando com o além.

Claro, ele ficou conhecido como um orador desajeitado durante grande parte de sua carreira política. “Não subestime a capacidade de Joe de estragar tudo”, foi o que Barack Obama (supostamente) disse certa vez. Mas suas gafes definitivamente se tornaram cada vez mais escancaradas. Seus momentos mais memoráveis antes da eleição de 2020 incluíram esquecer o nome de Obama, dizer aos pais para “não esquecerem de ligar o toca-discos à noite” e chamar um estudante de “soldado de cavalaria, com cara de cachorro e mentiroso”.

Não é preciso ser um republicano muito ativo na internet para temer que as pressões do cargo mais alto possam ter pesado no comandante em chefe, especialmente agora que seus deslizes têm enormes consequências geopolíticas. Durante uma visita à Polônia em 2022, Biden parece ter dito às tropas americanas que elas logo estariam na Ucrânia e declarado, em um grande discurso em Varsóvia, que Putin “não pode continuar no poder”. Esses comentários de potencial explosivo — nada menos que um apelo para uma mudança de regime e um conflito direto dos EUA com a Rússia — tiveram que ser rapidamente “desditos” por sua equipe.

Até mesmo alguns democratas estão começando a mencionar preocupações (anonimamente). Um relatório publicado recentemente no *Wall Street Journal* afirmou que, em reuniões com líderes do Congresso sobre financiamento para a Ucrânia em janeiro, Biden “falou tão baixo às vezes que alguns participantes tiveram dificuldade para ouvi-lo”, “pausou por longos períodos” e “às vezes fechou os olhos por tanto tempo que alguns na sala se perguntaram se ele tinha se desconectado”. “A maioria dos que afirmaram que Biden teve um desempenho ruim eram republicanos, mas alguns democratas disseram que ele entregou a própria idade em várias das interações”, relatou o *WSJ*.

O presidente Joe Biden fala aos repórteres no Marine One em Washington, 31 … 2024 | Foto: Jonah Elkowitz/Shutterstock

Talvez Biden seja apenas uma vítima de etarismo. Ou de capacitismo. Alguns sugerem que sua gagueira juvenil voltou com força, injustamente fazendo-o parecer muito menos atento do que de fato está. Sua postura rígida é resultado de uma coluna artrítica e dolorida. Nada disso significa que ele não possa liderar, necessariamente. FDR liderou os Aliados em uma cadeira de rodas. Churchill passava a maior parte das horas em que estava acordado bêbado. Mas, como acontece com tanta frequência nesta administração, a tentativa de encobrir tornou as coisas muito piores do que seriam de outra forma. Tentativas ostensivas de funcionários oficiais ou defensores da mídia de insistir que Biden está realmente afiado como uma navalha ou demonizar qualquer um que levante uma sobrancelha fizeram com que os eleitores se sentissem manipulados. Sem contar que não funcionou. De acordo com as pesquisas, três quartos dos americanos estão preocupados com a idade de Biden.

Vimos isso acontecer de forma mais ultrajante na reação ao conselheiro especial Robert Hur, que publicou um relatório extenso em fevereiro argumentando que Biden não deveria ser levado a julgamento por seu suposto manuseio incorreto de materiais confidenciais, em parte por causa de sua fragilidade mental. Hur descreveu Biden como um “idoso simpático e bem-intencionado com memória ruim”, observando sua incapacidade de lembrar o ano em que deixou o cargo de vice-presidente e o ano em que seu filho, Beau, morreu. Seria “difícil convencer um júri de que deveria condená-lo… por um crime grave que requer um estado mental de intenção”, concluiu Hur. Como recompensa, ele foi considerado um correligionário tendencioso. Os advogados da Casa Branca criticaram a linguagem “abrangente e altamente prejudicial” do relatório. Na CNN, o principal analista jurídico, Jeffrey Toobin, acusou-o histericamente de ser “um ultraje” e “uma desgraça”.

Aliás, com toda a conversa sobre uma máquina de mídia de direita produzindo “falsificações baratas” para beneficiar Donald Trump, o polo liberal da mídia corporativa tem agido instintivamente como a Guarda Pretoriana dos democratas, desqualificando toda crítica e até mesmo escândalos genuínos que possam prejudicar a posição do presidente. Vamos lembrar Hunter Biden, o filho do presidente viciado em crack e negociador de influências, que acabou de ser condenado por acusações federais relacionadas à compra de armas. Quando o *New York Post* publicou parte do conteúdo infame e incriminador de seu *laptop* em 2020 — levantando questões sobre o envolvimento do próprio presidente nas negociações de Hunter na Ucrânia e na China —, os meios de comunicação minimizaram a reportagem como algo com potencial de desinformação russa, aparentemente seguindo a orientação de agentes — que também instaram as grandes empresas de tecnologia a suprimir a história.

> *Joe Biden pode muito bem ser tudo o que seus assessores e defensores na mídia dizem que ele é: um senhor totalmente íntegro ainda em posse de suas faculdades mentais. Mas a maneira como a Casa Branca demoniza a dissidência, que trata qualquer preocupação como fruto da “desinformação”, é um insulto à inteligência dos eleitores*

Em vez de se solidarizar quando o *New York Post* — um dos jornais mais antigos da República americana — estava sendo difamado e censurado, a mídia chamada liberal simplesmente fez coro. “Não queremos perder nosso tempo com matérias que não são matérias de fato”, respondeu com arrogância a NPR, quando perguntaram por que a rede não estava cobrindo o Huntergate. Demorou mais de um ano até que o *New York Times* e o *Washington Post* admitissem timidamente que pelo menos alguns dos e-mails de Hunter eram legítimos.

Hoje, ninguém pode fingir de maneira crível que foi tudo fabricado: no julgamento recente de Hunter, os promotores afirmaram a autenticidade do *laptop*. Mesmo assim, ainda há uma crassa falta de curiosidade jornalística sobre a questão mais condenatória do escândalo de Hunter: a saber, se o presidente sabia ou se beneficiou financeiramente dos negócios duvidosos do filho. Isso foi exposto de maneira brilhante no ano passado por um diálogo entre Philip Bump, do *Washington Post*, e o empresário de comédia Noam Dworman, no podcast *Live from the Table*. Dworman perguntou a Bump sobre um texto que Hunter tinha enviado à filha, dizendo “preciso dar 50% da minha renda para o pai”. “Não faço ideia do que isso significa”, Bump respondeu. “Alguém perguntou a ela?”, questionou Dworman. “Não sei”, veio a resposta vazia de Bump. Ele foi ficando cada vez mais agitado e depois saiu furioso.

Joe Biden pode muito bem ser tudo o que seus assessores e defensores na mídia dizem que ele é: um senhor totalmente íntegro ainda em posse de suas faculdades mentais. Mas a maneira como a Casa Branca demoniza a dissidência, que trata qualquer preocupação como fruto da “desinformação”, é um insulto à inteligência dos eleitores. Além disso, a maneira como certos jornalistas ficam irritados — em vez de, você sabe, investigar — com qualquer alegação feita contra o presidente e sua família é um insulto à profissão. Algumas edições seletivas são insignificantes quando colocadas ao lado dos excessos do Pravda de Biden.

Joe Biden atravessa a pista do Força Aérea Um, no JFK International, em Nova York, 7.2.2024 | Foto: Evan El-Amin/Shutterstock

Tom Slater *é editor da* Spiked. *Ele está no X:* ***@Tom_Slater_***

Feito por @bancahidden

Os plásticos são melhores para o meio ambiente

Ronald Bailey • June 28, 2024

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/bancahidden

Foto: Shutterstock

Considerando as emissões de gases de efeito estufa na produção, no transporte, no uso e no descarte, papel, alumínio e vidro se mostraram bem mais poluentes

"Os plásticos são o novo carvão", declara o projeto Beyond Plastics. "A poluição da indústria do plástico é uma das principais forças por trás do aquecimento global", relata o site The Hill. O grupo Natural Resources Defense Council ("Conselho de Defesa dos Recursos Naturais"), dos Estados Unidos, afirma que "reduzir a produção de plástico é fundamental para combater a mudança climática".

A produção de plásticos a partir de combustíveis fósseis emite uma grande quantidade de dióxido de carbono na atmosfera, o que contribui para o aquecimento do planeta. Um estudo realizado em abril por pesquisadores do Laboratório Nacional Lawrence Berkeley, do Departamento de Energia dos Estados Unidos, estima que, em 2019, a produção global de plásticos primários gerou cerca de 2,24 gigatoneladas de dióxido de carbono equivalente, o que representa 5,3% do total das emissões globais de gases de efeito estufa. Sendo assim, fazer uma transição para alternativas ao plástico ajudaria a desacelerar o aquecimento global causado pelo homem, certo?

Não é bem assim, diz um novo estudo da revista *Environmental Science & Technology* que concluiu que "a substituição do plástico por alternativas é pior para as emissões de gases de efeito estufa na maioria dos casos". Os pesquisadores europeus relatam que, em "15 das 16 aplicações, um produto de plástico gera menos emissões de gases de efeito estufa do que suas alternativas".

Garrafas plásticas | Foto: Shutterstock

Os pesquisadores consideraram as emissões de produção, transporte, uso e descarte no fim da vida útil, incluindo aterro, incineração, reciclagem e reutilização. Calculando seus ciclos de vida, os produtos plásticos liberam entre 10% e 90% menos emissões do que as alternativas plausíveis — geralmente porque utilizam menos energia para fabricação e transporte.

Vejamos o eterno dilema entre plástico e papel no que diz respeito às sacolas de supermercado. Nos Estados Unidos, mais de 500 cidades e 12 estados proibiram as sacolas plásticas. No entanto, os pesquisadores descobriram que essas sacolas plásticas de supermercado emitem 80% menos gases de efeito estufa do que as sacolas de papel. A produção de sacolas de papel emite três vezes mais gases de efeito estufa do que as de plástico. E as emissões de transporte são maiores, porque as sacolas de papel pesam seis vezes mais do que as sacolas de plástico. Além disso, quando apodrecem em aterros sanitários, as sacolas de papel emitem metano, que aquece o planeta.

> *Na construção civil, os canos de esgoto de policloreto de vinila foram comparados com os feitos de concreto e de ferro dúctil. Os tubos de PVC emitem 45% menos gases do que os de concreto e 35% menos do que os de ferro*

90% menos emissões

As alternativas às garrafas plásticas são as latas de alumínio e as garrafas de vidro. Embora com frequência sejam recicladas, os pesquisadores descobriram que, no decorrer do seu ciclo de vida, as latas de alumínio emitem duas vezes mais gases de efeito estufa do que as garrafas plásticas. As garrafas de vidro emitem três vezes mais.

Embalagens plásticas e de outros materiais | Foto: Shutterstock

Neste momento, as Nações Unidas estão negociando um tratado global sobre poluição plástica. Uma opção que está sendo considerada é a proibição global de "produtos plásticos de curta duração e de uso único". O que provavelmente incluiria as bandejas de isopor envoltas em filmes plásticos finos usados para embalar alimentos como carne de porco e de boi. Os pesquisadores compararam essas embalagens com as de papel de açougueiro e concluíram que, incluindo a produção e as emissões da deterioração dos alimentos, as embalagens de papel de açougueiro são responsáveis por 35% mais emissões do que as de plástico.

Na construção civil, os canos de esgoto de policloreto de vinila (PVC) foram comparados com os canos feitos de concreto e ferro dúctil. Os tubos de PVC emitem 45% menos gases de efeito estufa do que os tubos de concreto e 35% menos do que os tubos de ferro. Na construção residencial, os canos feitos de polietileno (o plástico de uso comercial mais comum) são um pouco melhores do que os canos de cobre, emitindo 3% menos gases de efeito estufa.

Encanador monta canos de esgoto de PVC na fundação de uma casa | Foto: Shutterstock

Os jogos de jantar de plástico produzem 50% menos emissões do que os de madeira. Isso se deve às diferenças de matéria-prima, fabricação, transporte e peso. Os tanques de combustível automotivo feitos de polietileno de alta densidade pesam muito menos do que os de aço, o que resulta em uma economia de combustível durante a vida útil deles equivalente a 90% menos emissões de gases de efeito estufa. Os carpetes de polietileno tereftalato (PET) e náilon emitem 80% menos gases de efeito estufa do que os de lã.

A pesquisa identificou um caso em que a provável alternativa aos plásticos emite menos gases de efeito estufa: tambores de aço industrial de 55 galões. Como duram mais e geralmente são reciclados, os tambores de aço emitem 30% menos gases de efeito estufa ao longo de sua vida útil do que os tambores de plástico equivalentes.

'Infinitamente reciclável'

Em geral, as alternativas convencionais para os plásticos atuais são muito piores no que diz respeito às emissões de gases de efeito estufa, sugere o estudo. Os estudiosos concluem que qualquer medida ou política criada para reduzir os impactos dos plásticos precisa ser examinada com cautela para garantir que as emissões de gases de efeito estufa não aumentem involuntariamente em decorrência de uma mudança para materiais alternativos que geram mais emissões.

Separação de lixos recicláveis | Foto: Shutterstock

A boa notícia é que algumas empresas e alguns pesquisadores estão desenvolvendo plásticos quase infinitamente recicláveis. Atualmente, a UBO Materials transforma resíduos domésticos não classificados, incluindo plásticos de uso único, em termoplásticos que podem ser reciclados até cinco vezes, um processo que reduz as emissões de gases de efeito estufa em mais de 90%. Além disso, os pesquisadores do Laboratório Nacional Lawrence Berkeley desenvolveram um plástico de base biológica "infinitamente reciclável" chamado polidicetoenamina (PDK), que reduz as emissões de gases de efeito estufa em quase 98% se comparado com os plásticos convencionais.

À medida que o debate sobre os plásticos e suas alternativas continua, é fundamental considerar o impacto ambiental total de nossas escolhas e adotar inovações que de fato reduzam as emissões de gases de efeito estufa e protejam nosso planeta.

Feito por @bancahidden

Imagem da Semana: a arte na guerra

Daniela Giorno • June 28, 2024

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/bancahidden

Militar da 24ª Brigada Mecanizada das Forças Armadas Ucranianas toca piano na cidade de Chasiv Yar, na região de Donetsk, na Ucrânia (25/6/2024) | Foto: Oleg Petrasiuk/24ª Brigada Mecanizada Separada do Rei Danylo

A fotografia do soldado tocando piano mostra um pequeno momento de beleza diante do terror da guerra entre Rússia e Ucrânia

Há quase dois anos e meio a guerra assola o leste da Ucrânia. Kharkiv, a segunda maior cidade do país, tem sido sistematicamente bombardeada. Na última terça, 25, o exército russo usou drones para atacar a cidade de Chasiv Yar, na região de Donetsk, com mísseis antiaéreos e sistemas Solntsepek (uma espécie de lança-chamas), transformando a cidade, ainda habitada por civis, em ruínas. Foram oito ataques em um dia.

A 24ª Brigada Mecanizada das Forças Armadas Ucranianas agora detém a cidade e impede que os russos continuem avançando. Alarmes de sirene e o forte ruído dos geradores, acionados com frequência por causa das quedas de energia, já fazem parte do dia a dia dos ucranianos. Logo, a imagem — divulgada pela própria brigada — de um militar ucraniano tocando, depois de um ataque russo, um piano cheio de pó, cercado por janelas quebradas e com o chão coberto de escombros, é um grande contraste. A foto traz uma sensação de esperança e um breve momento de pausa e beleza diante da barbárie da guerra.

Durante a guerra de 1994, uma foto de um soldado russo tocando um piano abandonado na Chechênia entrou para a história. O fotógrafo é desconhecido. Não há muitas informações sobre a imagem, mas, ainda assim, ela conta uma história e não se limita por uma moldura. A foto traz emoções e nos leva a refletir sobre um determinado espaço de tempo e seu caráter inesgotável. Dentre tantas possíveis interpretações, pode-se dizer que ela representa o triunfo da arte sobre a guerra.

Em meio à guerra, soldado russo toca um piano abandonado na Chechênia, em 1994 | Foto: Divulgação

Daniela Giorno é diretora de arte de **Oeste** *e, a cada edição, seleciona uma imagem relevante na semana. São fotografias esteticamente interessantes, clássicas ou que simplesmente merecem ser vistas, revistas ou conhecidas.*

Feito por @bancahidden

Babi Beluco, modelo: 'Já corri cinco maratonas'

Redação Oeste • June 28, 2024

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/bancahidden

Babi Beluco, modelo e corredora, é a entrevistada do Papo com Ela | Foto: Revista Oeste

A corredora e influencer digital foi a convidada do programa Papo com Ela

Babi Beluco nasceu em Santa Catarina, mas se mudou ainda jovem para São Paulo em busca da chance de trabalhar como modelo. Com um biotipo feito para a passarela, ela logo se destacou entre as concorrentes. Babi viajou o mundo para fotografar e desfilar roupas e acessórios.

Estimulada pelo pai, desde nova Babi aprendeu a gostar de correr — seja na rua, seja na esteira. No começo, corria para relaxar a mente e manter o peso. Atualmente, se diz "viciada". Ela chega a correr até 100 quilômetros por semana e já participou de cinco maratonas.

Influencer nas redes sociais, ela tem um Instagram com 144 mil seguidores, onde posta a rotina dos treinos, além de refeições, viagens e as diversas propagandas que faz.

*Apresentado por **Adriana Reid**, o programa de entrevistas **Papo com Ela** vai ao ar todas as terças-feiras, às 20h30, nos canais da **Revista Oeste** e **Umbrella Mídia**, no YouTube.*

@SCHMOCK_ART

OESTE